



CATOLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

2º CICLO DE ESTUDO
MESTRADO EM FOTOGRAFIA

AS LAVADEIRAS
ATÉ QUE A ÁGUA (SE)PARE

POR BEATRIZ SOUSA

Porto, Setembro 2022

AS LAVADEIRAS
ATÉ QUE A ÁGUA (SE)PARE

Relatório apresentado à Universidade Católica Portuguesa
Para obtenção do grau de Mestre em Fotografia

Sob a orientação da
Professora Doutora Sónia Neves

POR BEATRIZ SOUSA

ESCOLA DAS ARTES

Porto, Setembro 202

DEDICATÓRIA

Dedico todo o meu trabalho à comunidade de mulheres da Afurada, que sempre estiveram dispostas e recetivas à minha presença com a máquina fotográfica. Dedico também à minha família, pais e irmão, pelo apoio e confiança que depositaram em mim. Ao Jorge pelo carinho e paciência. E à imprescindível amiga, Ana Almeida.



1. Lavadeiras da Afurada
1910

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trajeto por vezes, solitário, não posso deixar de mencionar as muitas pessoas que caminharam comigo e que de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Neste sentido, agradeço às pessoas que tiveram um papel imprescindível nesta minha etapa de vida.

Primeiro agradecer aos meus pais, Mónica e José Alberto que sempre me incentivaram a ir alcançar os meus objetivos. Ao meu irmão, Miguel que esteve sempre presente.

Ao Jorge pelo apoio, compreensão e por ser o meu alicerce. À Ana por ter sido a amiga que todos querem ter, pelo apoio e motivação. À Mafalda pela disponibilidade e entrega. À Marta pelo tempo e dedicação ao projeto .

À minha professora, Sónia Neves, que me guiou e acompanhou em todos os processos do trabalho.

À comunidade de lavadeiras da Afurada que sempre se mostrou disponível e interessada em colaborar na realização deste trabalho.

“Aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós, deixam um bocado de si, levam um pouco de nós.”¹

¹ Antoine de Saint-Exupéry

*A lavadeira no tanque
Bate roupa em pedra bem.
Canta porque canta e é triste
Porque canta porque existe;
Por isso é alegre também.
Ora se eu alguma vez
Pudesse fazer nos versos
O que a essa roupa ela fez,
Eu perderia talvez
Os meus destinos diversos.
Há uma grande unidade
Em, sem pensar nem razão,
E até cantando a metade,
Bater roupa em realidade...
Quem me lava o coração?*

FERNANDO PESSOA

RESUMO

Este projeto propõe um diálogo com a Mulher Lavadeira tendo como objeto de estudo as lavadeiras da comunidade da Afurada, que em pleno século XXI corporizam uma figura tradicional tendo sido o primeiro ofício dedicado à mulher.

Os lavadouros representam espaços projetados para mulheres, construídos e pensados por homens na Europa do século XIX em resposta ao desenvolvimento da indústria têxtil, dentro do qual as mulheres passam a ser objeto do próprio espaço. Configuram um lugar de socialização e de fraternização, tornando-se símbolo de um espaço feminista na zona urbana, mesmo num tempo de silêncio e ausência política. Na vertente prática do projeto pretende-se captar momentos que retratem a profissão ou simplesmente a ocupação destas mulheres. E no conjunto (teoria e prática) criar o perfil da mulher lavadeira ao longo dos tempos, refletindo a resiliência desta atividade que continua presente nos dias de hoje mas que poderá representar também a última geração de lavadeiras.

No projeto associa-se adicionalmente a estas mulheres uma imagem ligada à força e à água que usam para cozinhar, lavar e cuidar.

Em suma, pretende-se a representação da mulher lavadeira contemporânea, não só através do trabalho de campo como também a partir da pesquisa de certas feministas que defendem a reescrita da história, na qual as mulheres participam.

Palavras-chave:

Comunidade / Mulher / O Lavadouro e as Lavadeiras / Feminismo / Afurada

ABSTRACT

The present project proposes a reflection on the Washerwoman, having as object of study the washerwomen of the Afurada community, which in the middle of the 21st century embodies a traditional figure and symbol of the first crafts dedicated to women. The washplaces represent spaces designed for women, built and thought up by men in Europe during the 19th century in response to the arising of the textile industry, within which women became the object of their own space. It forms a place for socialization and fraternization, turning into a symbol of a feminist space in the urban area, even in a period of silence and political absence. In the practical aspect of the project, the aim is to capture moments that portray the profession or simply the occupation of these women. And altogether (theory and practice) to create the profile of the *washerwoman* over time, reflecting the resilience of this activity that is still present today but could also represent the last generation of washerwomen. The project also associates these women with an image linked to strength and the water they use to cook, wash and care for.

In conclusion, it is intended to represent the contemporary washerwoman, not only through fieldwork but also from the research of certain feminists who advocate the rewriting of history, in which women participate.

Key-words:

Community, Woman, The Washhplaces and the Washerwomen, Feminism, Afurada

ÍNDICE

Introdução.....	11
Capítulo 1. A Mulher Lavadeira	
1.1 Caracterização do ofício em Portugal	14
1.2. Montagem iconográfica	20
1.3. O Lavadouro, a intimidade no espaço público e o seu efeito político	30
1.4. O ofício em abandono, sobre o território da Afurada	39
Capítulo 2. Revelações do momento fotográfico	
2.1. A atuação no espaço	42
2.2. A água como elemento	46
2.3. Configurando a série final.....	48
2.4. O livro	56
Capítulo 3. A Fotografia Documental, pontos de encontro com “As Lavadeiras — Até que a água (se)pare”	
3.1. Fotografia Documental	57
3.2. Maria Lamas e Dorothea Lange	60
Conclusão	63

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1. Anónimo, Lavadeiras da Afurada, 1910

Imagem 2. Cartaz Publicitário, “Lixivia Hygienica”, Lisboa, 1905

Imagem 3. Lavadouro da Arca d'Água, Contribuição para a Hygiene no Porto de Adriano Fontes, 1908

Imagem 4. Natalia Goncharova, *Washerwomen*, 1911

Imagem 5. Beatriz Costa, Aldeia da roupa branca, 1939

Imagem 6. Lavadouro das Fontainhas, Águas do Porto, 1940

Imagem 7. Lavadouro das Virtudes, Águas do Porto, 1 de Maio de 1940

Imagem 8. Artur Pastor, Lavadouro das Fontainhas, Porto, décadas 1950-1970

Imagem 9. Artur Pastor, Ribeira do Porto, década 1950-1970

Imagem 10. Artur Pastor, Ribeira do Porto, década de 1950

Imagem11. Maria Lamas, Mulheres e jovens da Costa Nova, 2002

Imagem 12. Pannel da seleção “As Lavadeiras. Até que a água (se)pare”, Beatriz Sousa, 2022

Imagem 13. Mockup Marcadores de livro “As Lavadeiras. Até que a água (se)pare”

Imagem 14. Mockup do livro digital “As Lavadeiras. Até que a água (se)pare”

INTRODUÇÃO

O presente trabalho e consequente projeto fotográfico foi desenvolvido em contexto do projeto final do segundo ano de Mestrado em Fotografia da Universidade Católica Portuguesa do Porto, com o intuito de apreender o máximo relativamente à comunidade e efetuar um retrato fiel da mesma.

“Fazer a história das mulheres significa ajudar a tirar as mulheres dos silêncios da sua história”²

Ao longo da história da humanidade e muito por consequência da Bíblia Sagrada, as mulheres foram tratadas e colocadas na condição do segundo sexo. Assim foi inventado um lugar, historicamente construído, para que elas ocupassem e servissem como sombra da existência masculina³. As lavadeiras tomam parte desta visão patriarcal, formando um ofício e uma comunidade *sui generis*. A lavadeira é uma figura que ficou associada à Europa no século XIX e ao desenvolvimento da indústria têxtil. Distinguiu-se como mulher deslocada dos afazeres do seu lar, tornando-se um símbolo fora do seu espaço familiar ocupando naturalmente os espaços exteriores rurais: fontes, rios, riachos.

Estas mulheres continuavam a ser vistas nas ruas como tendo o propósito de trabalhar para atender às necessidades de outras famílias, e em desempenhar permanentemente o papel de mãe e esposa. Perpetuando assim, como imposição a sua permanência no espaço doméstico e realçando a sua ausência nos espaços públicos, nomeadamente no espaço político. Em simultâneo, emergia o lavadouro público nos espaços urbanos, que cedo se tornaria num lugar de socialização e fraternização consolidando uma cisão entre o espaço público e privado. A posição da mulher nos lavadouros como ofício relaciona-se, deste modo, com uma evolução da sua condição social, ainda que muito limitada, uma vez que representam espaços das cidades projetadas unicamente para mulheres, tornado assim a mulher objeto naqueles espaços.

Criado ainda no século XIX em Paris, facilmente espalha-se por toda a Europa. Devido ao desenvolvimento da indústria têxtil, os lavadouros surgem maioritariamente no Norte de Portugal. Razão pela qual se propõe um olhar e a construção de um diálogo com a Mulher Lavadeira, tendo como objeto de estudo, especificamente, as lavadeiras da comunidade da

² Perrot, M., 2018

³ Beauvoir, S., 1949

Afurada. Vila Nova de Gaia é a minha terra Natal e a partir de várias longas caminhadas da praia à Afurada, descobri o recinto com os tanques de água que sempre me deixou muito curiosa. Este trabalho surge da vontade de conhecer as mulheres lavadeiras do século XXI, mulheres de outras gerações e das histórias do passado que prevalecem no presente. O interesse do espaço público, lavadouros, como ponto de refúgio e calma. Desde a sua criação no século XIX até ao século XX, estas mulheres deixaram os seus vestígios nestes espaços.

As mulheres desde sempre tiveram uma relação cultural e simbólico com a água. Símbolo de vida e morte.

“Entre as mulheres e a água, a ligação é imemorial. Foi reforçada no século XIX pela preocupação com o linho, chave de uma primeira revolução industrial essencialmente têxtil, preocupação tornada mais obsessiva pela exigência de limpeza que ainda era largamente ilusória devido à fragilidade dos equipamentos.”⁴

O tema referente à pesquisa, como dito anteriormente, é a comunidade de lavadeiras da Afurada em Vila Nova de Gaia. Que se divide em duas partes, uma mais teórica, onde percebemos o papel da Mulher na sociedade e outra parte mais prática, onde fotografo esta comunidade.

No capítulo 1. subdividido em 4 partes caracteriza-se a figura da Mulher Lavadeira, começando por definir o papel da mulher, a representatividade e a visibilidade da mesma. A **Caracterização do ofício em Portugal**, no subcapítulo 1.1., surge na procura de conhecer a profissão e as mulheres em que as era destinado. Da qual também se identificam representações das lavadeiras, lá fora e no país inseridas na **Montagem iconográfica** no subcapítulo 1.2.

O tema sempre foi a Mulher e o papel da Mulher, com as teorias de Michelle Perrot, Camille Paglia e Simone de Beauvoir, observados no subcapítulo 1.3. **O Lavadouro**, na perspectiva, da **intimidade no espaço público e o seu efeito político**. No subcapítulo 1.4. **O ofício em abandono, sobre o território da Afurada** destaca-se a importância do lado

⁴ Perrot, M., 1997

comunidade e identidade destaca-se e vamos ao encontro de descobrir o ofício das mulheres lavadeiras.

A pesquisa caracteriza-se pela prática discursiva, do projeto fotográfico conseguimos chegar a uma história e a um discurso que não surge dos dias de hoje. No que diz respeito ao gênero discursivo, a perspectiva linguística e prática foi composta pelo olhar de várias escritoras e ativistas. Sempre foi um tema principal em muitas discussões e com a evolução da sociedade torna-se um tema de extrema importância. Nos últimos 20 anos, tem-se observado uma significativa inserção das mulheres mais jovens. Tal como se observa no capítulo 2. **Revelações do processo fotográfico.** Onde revelo a metodologia criada para a criação do projeto fotográfico “As lavadeiras. Até que a água (se)pare.”

A nível prático vários elementos se destacaram pela importância do trabalho como lavadeira. A água, a roupa, e o jeito como estas mulheres cuidam da sua roupa. Nesta pesquisa também trouxe à tona, a importância da presença da mulher no espaço público e na sociedade. Como destacado no subcapítulo 2.1. **Atuação no espaço.**

No subcapítulo 2.2. **A água como elemento,** como a água se torna um elemento primordial na vida destas mulheres. Observei também que esta rotina de ir até ao lavadouro público, conforta-as, não só porque se saem de casa, mas também porque é o ponto enorme a nível de socialização. Percebo que existe quase como um ritual na cultura das mulheres lavadeiras da Afurada, no que diz respeito à tradição em lavar roupas nos tanques. No subcapítulo 2.3. **Configurando a série final,** dou uma breve explicação para a razão da série de fotografias escolhidas para o painel e consequentemente a partir de uma seleção mais restrita a realização do **Livro,** no subcapítulo 2.4.

Para finalizar, no capítulo 3, **A Fotografia Documental pontos de encontro com “As Lavadeiras – Até que a água (se)pare”** trazer à tona o papel da **Fotografia Documental** no subcapítulo 3.1 e como o meu projeto se encontra com as fotógrafas e ativistas **Maria Lamas e Dorothea Lange** no subcapítulo 3.2.

CAPITULO 1.

A MULHER LAVADEIRA

1.1. CARACTERIZAÇÃO DO OFÍCIO EM PORTUGAL

la·va·dei·ra

(lavar + -deira)

nome feminino

Mulher que tem a profissão de lavar roupa.⁵

A “imagem feminina” resultou sempre de um conjunto de ideias, conceitos e pré-conceitos que delimitavam valores culturais que discriminam a mulher e lhe retiravam a liberdade de ser. Percebemos então os papéis base que a sociedade lhes impõe tais como o de mãe, irmã, filha, companheira e chefe de casa. Há muito que as mulheres têm vindo a lutar para manter, formar e sustentar a sua identidade.

A mulher Lavadeira foi uma figura muito importante no século XX. Independentemente do meio onde viviam, quer urbano ou rural, grande parte da roupa era lavada por estas mulheres. Muitas vezes a falta da água canalizada obrigava-as a terem que se deslocar ao exterior, como os riachos, fontes ou até tanques, idealmente construídos para este propósito. Grande parte das mulheres do grupo pertencia à classe trabalhadora.

É a partir da frase “como vivem e trabalham as mulheres portuguesas” de Maria Lamas que se pretende analisar a história das mulheres relativamente ao trabalho, à representatividade e à visibilidade. ‘As Mulheres do meu país’, uma obra de Maria Lamas – intelectual e ativista que investigou a mulher em Portugal nos anos 40 e 50, publicada a Maio de 1948 até Maio de 1950, traçou o retrato minucioso da condição da mulher em Portugal nos anos 1940.

"no povo, não há, praticamente, mulheres domésticas [...] Quando não são operárias, são trabalhadoras rurais, vendedeiras, criadas de servir ou "mulheres a dias" [...] Seria quase impossível mencionar todas as suas

⁵ "lavadeiras", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/lavadeiras> (consultado em 14-06-2022)

ocupações que vão do roçar mato aos mais delicados bordados, sem contar com as grandes indústrias em que ela ocupa lugar predominante”⁶

No livro “Os Pescadores, na descrição de Raul Brandão”, é possível visualizar a cena dessas mulheres de outrora:

“Ali defronte são os tanques, onde vinte, trinta mulheres de saias arregaçadas lavam a roupa suja. Gritos, risos, alarido. Um momento de silêncio e ouve-se o bater compassado da maré que vai, vem e lhe molha as pernas nuas.”⁷

Nesta época a mulher necessitava de um trabalho que lhe permitisse sustento caso se tornasse viúva. Assim, a mulher desempenhava trabalhos destinados para si — lavadeira, cozinheira, bordadeira, que não ocupavam o seu tempo inteiro, permitindo que ainda cumprissem as suas tarefas de casa e cuidassem dos filhos.

Preocupados em afastar as mulheres (e as crianças) dos locais de trabalho para proteger o emprego masculino, os sindicatos e os trabalhadores afirmam que a constituição física das mulheres as destina a serem mães e esposas e que, por conseguinte, elas não podem ser nem boas empregadas nem boas sindicalistas. Invocando as leis da biologia, eles argumentam que o corpo feminino, sendo mais fraco do que o corpo masculino, não pode resistir ao trabalho fabril e que o trabalho na fábrica torna as mulheres inaptas para amamentar e dar à luz filhos saudáveis⁸. Nesse direcionamento, Bourdieu⁹, no livro ‘A dominação masculina’¹⁰, argumenta que a relação de dominação do homem sobre a mulher é legitimada e naturalizada socialmente, inscrevendo assim as representações e performances que são incorporadas no imaginário social e consentida pelas dominadas. De acordo com Bourdieu, as mulheres também colaboram para a reprodução dos estigmas a elas impostos. Desta forma, compreende-se que a mulher não possui iguais condições em relação ao homem por causa da distinção social que é realizada através do físico.

⁶ Lamas, M., 1950, p. 458

⁷ Brandão. R., 2002, p. 38

⁸ Poeschl, G.; Múrias, C. ; Costa, E., 2004, pp 365-387, disponível em

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218705629R1iQI7wq9Bv48JE3.pdf> (consultado em 18/08/2022)

⁹ "Pierre Bourdieu foi um dos maiores pensadores das ciências humanas do século XX. Filósofo por formação, desenvolveu importantes trabalhos de etnologia, no campo da antropologia, e conceitos de profunda relevância no campo da sociologia, como habitus, campo e capital social." Pierre Bourdieu", disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/pierre-bourdieu.htm> (consultado em 18/08/2022)

¹⁰ Bourdieu. P. A dominação masculina, disponível em,

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU__Pierre._A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646 (consultado em 18/08/2022)

As mulheres que desempenhavam estas funções pertenciam à classe trabalhadora e são retratadas na literatura através do papel de sofredoras. No entanto, no período do Estado Novo, em Portugal, foram objeto de exaltação com o filme ‘Aldeia da Roupa Branca’¹¹, que se integra na política de enaltecimento dos valores rurais e tradicionais portugueses. Este filme retrata a vida das lavadeiras dos arredores de Lisboa, a zona saloia, que fornecia grande parte da mão-de-obra doméstica para a capital. Mais tarde, Saramago também alude ao trabalho de lavadeira realizado pelas crianças para ajudar ao rendimento familiar: “irá com a irmã lavar roupa na ribeira, uma carga de roupa que foram buscar ao prédio, sempre são vinte escudos...”¹²

Tal como Jaime Gouveia¹³ afirma, as lavadeiras, ou lavandeiras, como se dizia na época ganhavam a vida a lavar. E lavar a roupa à mão, não é de todo uma tarefa fácil. Sobretudo em regiões onde as baixas temperaturas predominam durante largos períodos de tempo. Lavar era uma tarefa quotidiana, mas em alguns casos também um ofício. Não era a qualquer mulher que os “senhores” confiavam as suas roupas e, em regra geral, estas eram recrutadas entre as famílias com um trato mais próximo e de confiança. Ao chegar à água, as lavadeiras retiravam a trouxa da cabeça, o corno que servia para molhar a roupa, o sabão e as joalheiras de madeira para não ferir o corpo e poupar a roupa, como o autor explica. Quando de faziam acompanhar de outras lavadeiras, falavam da vida umas das outras e para passar o tempo cantavam cantigas. Como diz um velho ditado, “quem canta, seus males espanta”. Como diz a Ilustração portuguesa nº 720, as lavadeiras eram mesmo a única espécie de gente que neste mundo conhecia a roupa suja de cada um, e tinham as artes de a tornar outra vez branquinha, clarinha e cheirosa, como Gouveia explica.

A diferença, a separação e a desigualdade entre os homens e mulheres foi reforçada pela divisão dos postos de trabalho. As mulheres foram excluídas da vida política e dos espaços públicos, para que houvesse uma maior concentração e atenção ao espaço e trabalho doméstico. Desta forma, os homens foram automaticamente associados à produção e ao espaço público enquanto as mulheres à reprodução ao domínio doméstico. Eventualmente,

¹¹ Chianca de Garcia, 1938. “A vida, o quotidiano, os costumes pitorescos, as zangas, as rivalidades e as paixões da pequena comunidade saloia da periferia de Lisboa, que se encarregava da lavagem da roupa no rio. (...) um notável exemplo do cinema português na sua era dourada, que se estendeu dos anos trinta aos anos cinquenta, sobretudo ao nível da comédia de costumes, em que se integra esta divertida e mordaz história de duas famílias saloias que se envolvem numa constante rivalidade, sempre à beira do conflito, para conseguirem as melhores encomendas de roupa para lavar.” RTP, disponível em <https://www.rtp.pt/programa/tv/p19296> (consultado a 3/08/2022)

¹² Saramago, J., 1980

¹³ Gouveia, J., 2015

a mulher cansou-se de ocupar e desempenhar estes papéis que as restringiam. Em França, durante séculos XV e XVI, com a caça às bruxas, a mulher foi considerada maléfica. “Há um principio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um principio mau que criou o caos, as trevas e a mulher.”¹⁴ Com a Revolução Francesa, começa a verdadeira emancipação da mulher devido aos ideais de liberdade, fraternidade e igualdade. Já em Portugal, em 1820, durante a Revolução Liberal portuguesa, a Constituição não concede à mulher o direito do voto, nem as considera cidadãs. Reforçando, assim, a exclusão das mesmas do espaço público. Carolina Beatriz Ângelo, médica, republicana e sufragista, foi a primeira mulher a votar em Portugal, nas eleições realizadas para a Assembleia Nacional Constituinte, no dia 28 de maio de 1911.

“O código eleitoral determinava o direito de voto a “todos os portugueses maiores de vinte e um anos, à data de 1 de maio do ano corrente [1911], residentes em território nacional, compreendidos em qualquer das seguintes categorias:

1º Os que souberem ler e escrever;

2º Os que forem chefes de família (...).”

Com formação superior e chefe de família, sendo viúva, Carolina Beatriz Ângelo reunia as condições para votar, uma vez que a lei não especificava que apenas os cidadãos do sexo masculino tinham capacidade eleitoral.”¹⁵

Apesar da luta e da vontade de Carolina Beatriz Ângelo, a Constituição de 1911 não consagrou o sufrágio universal, limitando-se a remeter para uma lei especial a organização dos colégios eleitorais e o processo das eleições.

O código eleitoral de 1913 esclareceria a questão: “são eleitores de cargos legislativos os cidadãos portugueses do sexo masculino maiores de 21 anos ou que completem essa idade até ao termo das operações de recenseamento, que estejam no pleno gozo dos seus direitos civis e políticos, saibam ler e escrever português, e residam no território da República Portuguesa.”¹⁶

¹⁴ Pitágoras

¹⁵ Assembleia da República, disponível em <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/Carolina-Beatriz-Angelo.aspx> (consultado em 7/02/2023)

¹⁶ Assembleia da República, disponível em <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/Carolina-Beatriz-Angelo.aspx> (consultado em 7/02/2023)

O voto feminino foi introduzido em Portugal a partir de 1931. No entanto, só após o 25 de Abril de 1974 se consagrou o sufrágio universal e foram abolidas as restrições ao direito de voto baseadas no sexo dos cidadãos.

“ARTIGO 72º Têm direito a votar nestas eleições todos os cidadãos portugueses que estiverem no gozo de seus direitos civis e políticos, que tiverem vinte e cinco anos de idade, e uma renda líquida anual de oitenta mil réis, proveniente de bens de raiz, comércio, capitais, indústria ou emprego.”¹⁷

No segundo volume da obra “O segundo sexo”, o matrimónio é considerado um êxito passivo para a mulher, pois ela não é livre para fazer as suas escolhas e permanece sob tutela de um homem – quando solteira era submissa ao pai, no casamento submete-se ao marido – sendo vista, continuamente, em posição de inferioridade e dominação. Do mesmo modo que a sociedade é responsável, em grande parte, por anular a consciência que a mulher tem de si mesma, ao mesmo tempo, ela regula o que se entende por ser mulher e feminina. O casamento, considerado por Beauvoir, é compreendido como uma ascensão social, já que, quase sempre, as mulheres casadas são mais bem aceites se comparadas às mulheres solteiras.

Segundo Beauvoir:

“Assim, para ambos os cônjuges, o casamento é a um tempo um encargo e um benefício, mas não há simetria nas situações; para as jovens, o casamento é o único meio de se integrarem na coletividade e, se ficarem solteiras, tornam-se socialmente resíduos. Eis porque as mães sempre procuraram tão encarniçadamente casá-las. Na burguesia do século passado mal as consultavam. Ofereciam-nas aos pretendes eventuais em “entrevistas” combinadas de antemão.”¹⁸

Assim a consideração da mulher passa a ser de subordinação devido ao reflexo da divisão do trabalho. As trabalhadoras lavadeiras nesse período, receberam a alcunha de mulheres valentes ao desafiarem a ordem pública e enfrentarem sozinhas regras sociais nas quais eram oprimidas. Os lavadouros tornam-se o local da atividade, do cuidado e da limpeza, valores importantes na época que tornaram possível a criação deste ofício que permitiu um meio de sustento e sobrevivência para as mulheres. Contudo, a partir da política

¹⁷ Artigo 72, Constituição de 1838

¹⁸ Beauvoir, S., 1949, p. 222

desenvolvida que acompanha as diretrizes higienistas da Europa, o trabalho da lavagem das roupas realizado nas fontes, rios e bicas das cidades é visto como tentativa de desordem, sujeira e poluição¹⁹ e assim, são construídos os lavadouros públicos datadas do período de 1950.

“A limpeza é, sem dúvida, uma questão de equipamentos, distribuição de água, mas também de cultura, sensibilidade, educação, estratégia política: o luxo da democracia”.²⁰

No livro de Simone de Beauvoir, pode encontrar-se uma explicação da condição social das mulheres:

“A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mesma, mas em relação a ele; ela não é considerada um ser autónomo”.²¹

Só por meio da educação é que as mulheres tinham possibilidades de escapar à lavagem da roupa dos burgueses e assim emanciparem-se da sua condição social. Após anos e anos de luta, finalmente surge uma saída, conseguida mais uma vez pelo grupo de feministas portuguesas que no início do século XX permitiu os avanços sociais, reprimidos pelo regime salazarista. A 25 de Dezembro de 1910, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas reuniu e nesse momento a mulher deixa de ser propriedade do marido. As mulheres foram ganhando voz e a ideia de comunidade e grupo torna-se mais frequente. O feminismo ganhou força na Europa no início de 1990 e 2000, tornado a questão dos direitos das mulheres como ponto principal. Os lavadouros públicos que são espaços chave para o urbanismo feminista na sociedade do Porto.

Com o ideal burguês imposto, a esfera reprodutiva encontra-se cada vez mais confiada a casa, e, por conseguinte, o espaço doméstico torna-se o local de trabalho. Os lavadouros públicos foram muito importantes para as mulheres conseguirem sair de casa. Lugar esse de refúgio, de discussão, de diálogo e interação com outras mulheres da sua comunidade. Por fim, os lavadouros públicos são lugares que rompem a pressuposta dicotomia de público/privado. Tornando os lavadouros espaços educativos, de solidariedade e aceitação. E, a perda destes espaços leva a uma perda de socialização das mulheres e a partir daí o enfraquecimento da sororidade.

¹⁹ Neto, F. A. N., 2005

²⁰ Perrot, M., 1979

²¹ Beauvoir, S., 1949

1.2. MONTAGEM ICONOGRÁFICA

LISBOA 1905

LEXIVIA HYGIENICA

SUBSTITUE A BARRELLA E AGORA E O DESINFECTANTE MAIS RECOMMENDAVEL

GRANDE Simplicidade e economia
de dinheiro e de tempo.
Tira todas as manchas, branqueia, desinfecta e **não deteriora a roupa**
—
Por insignificante quanto cada um experimenta e verifica tudo!!!

ESCRITORIO
Rua Curute de Berrico-190

ANTONIO JORGE, Limitada

A ECONOMIA DOMESTICA

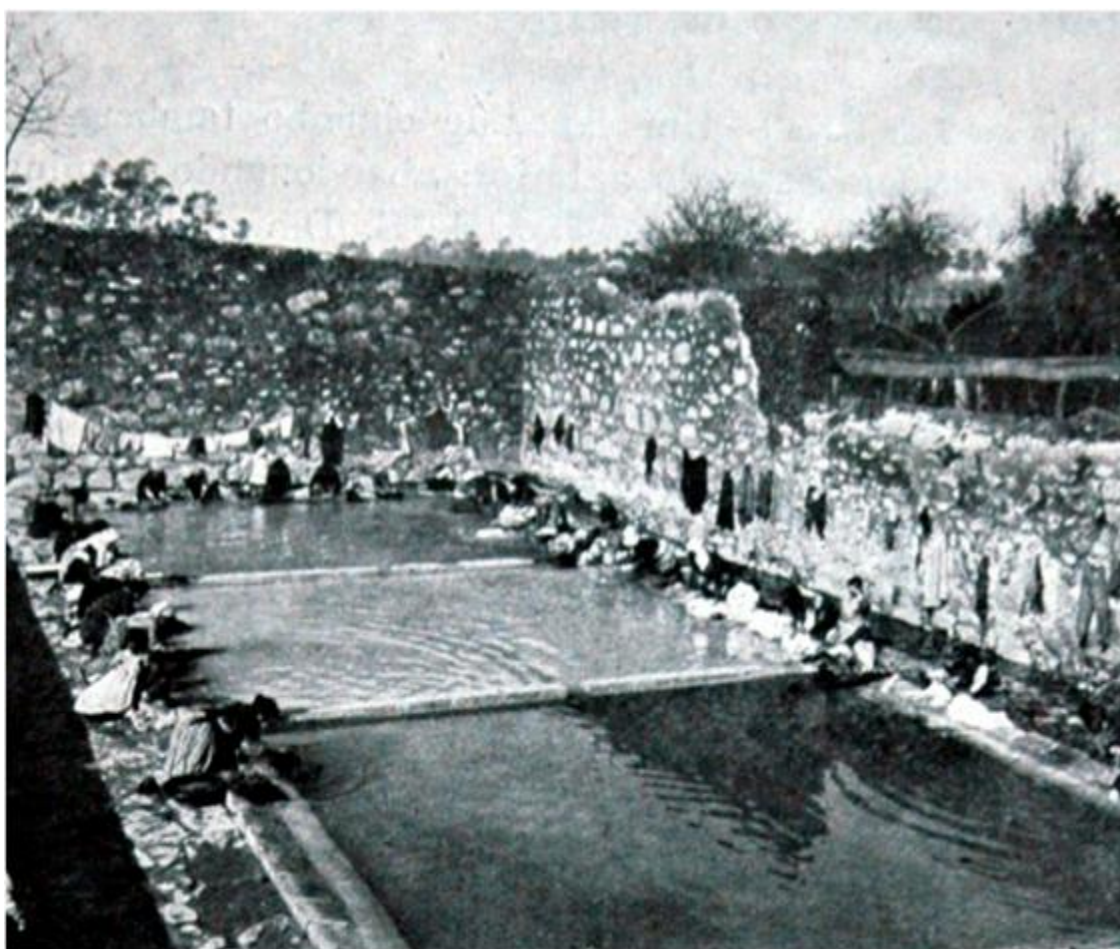
PREÇOS
Cada garrafa de 1 litro 140 réis | Por unidade cada litro 90 réis
Resolvidores de 5 e 10 réis

MODO DE USAR:
Applia-se a frio.
Lavada a roupa a maneira ordinaria com sabão, coloca-se n'uma vasilha e cobre-se com um banho de 1 litro de **Lexivia hygienica** para 30 a 40 de agua!
Immerido durante 4 a 6 horas e passa-se novamente por agua, ficando completamente lavada e desinfectada!
—
As manchas mais rebeldes basto esfregal-as rapidamente com a **LEXIVIA HYGIENICA** e passal-as em seguida por agua.
—
Na mesma proporção se emprega na limpeza das casas, como limpador e desinfectante.

A SORTE GRANDE DAS LAVADERAS
MARCA REGISTRADA

Illustration of two women in traditional attire washing clothes in a tub.

2. Cartaz Publicitário, “Lexivia Hygienica”, Lisboa 1905



3. Lavadouro da Arca d'Água, Contribuição para a Hygiene no Porto de Adriano Fontes
1908



4. Natalia Goncharova, *Washerwomen*
1911



5. Beatriz Costa, *Aldeia da roupa branca*
1939



6. Lavadouro das Fontainhas, Águas do Porto
1940



7. Lavadouro das Virtudes, Águas do Porto
1 de Maio de 1940



8. Artur Pastor, **Lavadouro das Fontainhas**, Porto
décadas 1950-1970



9. Artur Pastor, Ribeira do Porto
década 1950-1970



10. Artur Pastor, **Ribeira do Porto**
década de 1950



11. Maria Lamas, Mulheres e jovens da Costa Nova
2002

1.3. O LAVADOURO, A INTIMIDADE NO ESPAÇO PÚBLICO E O SEU EFEITO POLÍTICO

Percebemos que ao longo da história das imagens vários olhares e várias lentes representaram as lavadeiras no quotidiano das ruas. Como exemplo, o pioneiro do cinema, Louis Lumière na obra *Laveuses sur la Riviere* de 1900 que realizou pequenos filmes sobre este tema e esta comunidade em específico. Por outro lado, historiadoras e ativistas, com estudos voltados para o feminismo, deram visibilidade e escuta às mulheres. É o caso da autora **Michelle Perrot**, historiadora e académica, que defende uma reescrita da história, na qual as mulheres estejam inseridas. Segundo Perrot, os lavadouros de Paris do século XIX eram locais de feminismo prático, uma vez que já formavam associações e cooperativas. É sem dúvida uma inspiração para uma luta ainda atual: o de quebrar a invisibilidade histórica das mulheres. Ou da ensaísta, crítica de arte e crítica social americana **Camille Paglia** que é, desde os anos 60, uma das vozes fundamentais do feminismo, da autonomia das mulheres e dos seus combates. Mas é, também, herdeira de uma tradição intelectual de livre-pensamento que a coloca do outro lado da barreira do feminismo atual, que evidencia a angústia da mulher contemporânea, que também está a fazer desvanecer os laços de comunidade, como uma irmandade. A autora e escritora Camille Paglia é:

“desde os anos 60, uma das vozes fundamentais do feminismo, da autonomia das mulheres e dos seus combates. Mas é, também, herdeira de uma tradição intelectual de livre-pensamento que a coloca do outro lado da barreira do feminismo atual, que Paglia classifica como «vitoriano», «burguês», «politicamente correto», «puritano» e «estalinista».”²²

Por outro lado, certas rotinas destas mulheres denunciavam também a condição social em que viviam, sendo que muitas eram acompanhadas pelos próprios filhos, por não haver um lugar apropriado e seguro onde os deixar. Nesta perspetiva, estes lugares, entendidos como domínios privados, serviam também para encontros de partilha e intimidade entre mulheres, proporcionando a construção de laços de solidariedade e ajuda mútua, revelando por isso a importância dos conceitos de comunidade e irmandade.

²² Paglia, C. (2018). Nota biográfica, Quetzal Editores.

Muitas mulheres ficaram submetidas a estes “empregos femininos”, no entanto, com o avanço do pensamento houve uma integração das mulheres nas lutas sociais. Inicialmente muitas mulheres lutavam individualmente e, somente anos mais tarde, passaram a lutar com um carácter mais amplo e coletivo, surgindo assim grupos e movimentos sociais.

Com a Revolução Industrial houve o primeiro momento na história de inserção da mão-de-obra feminina. Os anos 60 foram um período importante na luta pelos direitos da mulher, sendo marcada pela participação política e social, colaborando assim com a expansão do movimento feminista.

“Os lavadouros são estruturas localizadas junto às levadas, construídos em pedra ou em cimento e que eram utilizados, comunitariamente, para lavar a roupa. A profissão de lavadeira era atribuída às mulheres que lavavam a roupa de outrem, utilizando, geralmente, os lavadouros públicos, mas, também, as ribeiras ou as levadas. Lavavam, essencialmente, a roupa de famílias mais abastadas, mas também de outras com menos recursos, residentes em locais onde não havia água canalizada e eram escassos os lavadouros. Para estas mulheres, o dia começava cedo, pois era necessário conseguir um lugar no lavadouro, no melhor local da ribeira, ou mesmo nas levadas, com água mais limpa, evitando, neste último caso, a água proveniente das outras lavagens e assegurar um “coradouro”, ou seja, um bom local, onde estender a roupa ensaboada, ao sol.”²³

As fontes, os rios, os riachos e os lavadouros públicos eram onde as lavadeiras se encontravam e exerciam as suas atividades. Sítios esses que serviam também para encontros entre as mulheres, proporcionando a construção de laços de união. E neste seguimento reforça-se a importância do sentido de comunidade e irmandade.

Muitos consideram o século XIX, o século do feminismo. Mas é mais tarde, no ano de 1900 que são fundadas as organizações de mulheres na Alemanha, na França, nos Estados Unidos da América, na Inglaterra e no Japão.

Ao longo da história houveram sempre mulheres que lutaram pela sua liberdade, sendo que muitas destas pagaram com a sua própria vida. A igreja católica era decisiva e intransigente com as mulheres que desafiavam os seus princípios e dogmas.

²³ Ncultura, As profissões do antigamente, 25 Novembro de 2015, disponível em <https://ncultura.pt/profissoes-de-antigamente-as-lavadeiras/>

“O lugar da mulher no espaço público sempre foi problemático, pelo menos no mundo ocidental, o qual, desde a Grécia antiga, pensa mais energicamente a cidadania e constrói a política como o coração da decisão e do poder. Uma mulher em público está sempre deslocada, diz Pitágoras. Prende-se à percepção da mulher uma ideia de desordem. Selvagem, instintiva, mais sensível do que racional, ela incomoda e ameaça. A mulher noturna, mais ou menos feiticeira, desencadeia as forças irreprimíveis do desejo. Eva eterna, a mulher desafia a ordem de Deus, a ordem do mundo.”²⁴

Uma das primeiras representações da mulher feminista que surge é Lilith²⁵, podendo ser considerada a primeira antecessora mítica do feminismo. É considerada, tanto no judaísmo pós-bíblico como na mitologia da antiga Suméria, como a primeira mulher de Adão. “(...) criada do pó e insuflada com o sopro divino para fundar nossa espécie sem que houvesse aparente superioridade do homem sobre a mulher, até enfrentar no leito o desafio de sua submissão (...)”²⁶

Lembra ainda:

“A ideia de uma mulher boa e outra má, encarnadas por Eva e Lilith, permaneceu até nossos dias, embora recaia também sobre Eva a maldição atribuída a seu pecado de orgulho. E é esse orgulho que congrega todas as superstições vinculadas à sedução feminina que, através dos mitos, se manifesta a partir do simples desejo de igualdade até os encantamentos da feiticeira que persuade a vontade dos homens por meio de procedimentos ilícitos”²⁷

O debate sobre a desigualdade e as diferenças de género começou no século XVIII, especialmente dentro do movimento Iluminista, onde questionam o papel da mulher e as condições a que as próprias eram sujeitas na época. A primeira onda do feminismo surge primeiro em Inglaterra, nas últimas décadas do século XIX. Um grupo de mulheres luta pelos seus direitos, nomeadamente pelo direito ao voto. Esta primeira onda originou o Sufrágio Feminino e as sufragistas, do termo inglês *suffragettes*. Contudo, começaram a perder força e só na década de 60 começa a surgir a segunda onda do movimento. Em 1909, nasce a Liga Republicana de Mulheres Portuguesas, a nossa primeira organização

²⁴ Perrot, M., 1998, p.8

²⁵ Descrita como um demónio num corpo de mulher que vivia no Inferno. Na história bíblica é acusada de assumir a forma de serpente, persuadindo Eva a provar o fruto proibido.

²⁶ Robles, M., 2019, p. 35

²⁷ Robles, M., 2019, p. 37

feminista, presidida por Ana de Castro Osório. A mulher da época reivindicava o direito ao voto, ao divórcio, à instrução e ao trabalho, bem como a criação de escolas maternas. No entanto, a 28 de Maio de 1926, o processo sofre um sério travão devido a um golpe militar que instaurava o regime fascista e a ditadura, antifeminista e anti liberdade. Para a mulher, destinava-se apenas a vida doméstica. Em 1937, Salazar criou a “Obra das Mães pela Educação Nacional” e as mulheres que trabalhavam fora de casa, ganhavam apenas dois terços do salário dos homens. Nas escolas, ensinava-se às mulheres o seu papel através da chamada “formação feminina”: à mulher competia, sobretudo, os cuidados domésticos, manter o azeio, a ordem e a alegria do lar, cuidar dos filhos e tornar a casa agradável e acolhedora, prestar ao marido a deferência e submissão que lhe devia como chefe de família.

Sendo que a primeira onda do feminismo teve como objetivo a luta pela desigualdade de direitos, a segunda onda levanta questões sobre o corpo e a sexualização das mulheres.

A 18 de agosto de 1960 surge nos Estados Unidos a primeira pílula anticoncepcional, desenvolvida a partir dos ideais feministas da enfermeira Margaret Sanger e do investimento da milionária Katherine McCormick. A partir deste desenvolvimento, a segunda onda surge nos Estados Unidos e na Europa a partir do pensamento de que a mulher e o homem não são iguais e assim compreender que as desigualdades culturais e políticas estiveram sempre relacionadas.

A partir de 1980, o debate do papel e a função da mulher torna-se mais profundo tentando procurar alterar os estereótipos já formados pela sociedade e pelos Mídias. E é neste ponto que surge a terceira onda do movimento. O abandono do ‘papel de vítima’ surge como prioridade.

Mais tarde, em 2016, o movimento Coletivo Feminista Não Me Khalo, começa a ser compreendido como um caminho individual e não uma luta coletiva, que defendem o empoderamento das mulheres como chave para sua emancipação.

Atualmente, e com a ajuda das redes sociais, meios de comunicação aprofundando o tema da identidade e do corpo, como visibilidade da questão trans e gordofobia.

“Compreende-se que a dualidade dos sexos (...) tenha sido traduzida por um conflito. Compreende-se que, se um dos dois conseguisse impor a sua superioridade, esta deveria estabelecer-se como absoluta. Resta explicar porque venceu o homem desde o início. Parece que as mulheres deveriam ter saído vitoriosas. Ou a luta poderia nunca ter tido solução. Porque razão o

mundo sempre pertenceu aos homens e só hoje as coisas começam a mudar?”²⁸

Para Beauvoir, a escrita deve ter um sentido, algo que lhe dê significado e coesão. A sua obra literária bebe da inspiração da sua vida mais íntima, o amor, a liberdade e o valor da vida humana são os principais temas. Durante muito tempo era sobretudo a experiência pessoal que ocupa nas folhas, mas com o passar do tempo passou a grandes causas sociais e políticas. Desde muito cedo que os temas eram discutidos em família, sobretudo com a sua mãe. Tornando-se assim um projeto de vida.

“Hesitei muito tempo em escrever um livro sobre a mulher. O tema é irritante, principalmente para as mulheres. E não é novo. A querela do feminismo deu muito que falar: agora está mais ou menos encerrada. Não toquemos mais nisso. No entanto, ainda se fala dela. E não parece que as volumosas tolices propagadas neste último século tenham realmente esclarecido a questão.”²⁹

Segundo a autora a literatura e a escrita era uma maneira de agir e lutar pela defesa dos direitos humanos. A escrita, referida pela própria, é a realidade. Apenas retratar o real tal e qual como é vivido, experienciado, conseguindo tornar a sua escrita mais viva, real e principalmente pessoal. E enquanto intelectual via-se em primeiro lugar, como ser humano e só depois como mulher. Utilizando este pensamento para agir contra as injustiças que vivenciava a humanidade. A sua filosofia de vida levaram-na a dedicar-se sobre a condição feminina e ajudar na sua desmistificação. Em 1949, publica “*Segundo Sexo*”, onde estabelece a identidade e o papel da mulher na sociedade.

“Todo o ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é feminilidade. Será esta segregada pelos ovários? Ou está cristalizada no fundo de um céu platónico? Bastará um saio de folhos para fazê-la descer à Terra? Embora certas mulheres se esforcem por encarna-lo zelosamente, o modelo nunca foi registado.”³⁰

²⁸ Beauvoir, S., 1949

²⁹ Beauvoir, S., 1949, p.13

³⁰ Beauvoir, S., 1949, p. 12

Nas primeiras páginas, Beauvoir demonstra um certo sentimento de inquietação no que diz respeito à aceitação da submissão feminina na mulher. A autora afirma também que a condição natural da mulher não é imutável e que o fato da tradição educacional ter prestigiado o homem desencadeou como consequência a não recusa da mulher de ser o outro, posto que o homem é o responsável por protegê-la financeiramente e materialmente. A dominação do cenário educativo e económico é um dos elementos que propiciaram aos homens o sentimento de serem os reis da criação, cabendo, portanto, na relação com o sexo oposto. O grande foco passa por enaltecer que a mulher não precisava de um homem para ter valor e que esta conseguia ter a sua luz própria. Uma semana após a publicação do livro, este tornou-se um grande sucesso por todo o mundo, conseguindo assim vender mais de 22.000 exemplares. Isto demonstra que existia um grande interesse em relação ao tema e em aprender com o mesmo, vindo a influenciar vários movimentos futuros à sua publicação. No entanto, o mesmo causou também indignação.

“Vinte mil cópias do primeiro volume são vendidas numa semana, mas é um sucesso devido ao escândalo, que vale à autora cartas ignóbeis e insultos públicos. François Mauriac se enfurece; mesmo Camus a reprova por ter ridicularizado o macho francês! Livrarias recusam-se a vendê-lo, o Vaticano o põe no Índice. O Partido Comunista, hostil aos existencialistas, decretou que "isso" não interessa às operárias.”³¹

Anteriormente a esta publicação, a mudança de mentalidades já tardava a instalar-se, mas alguns esforços já se vinham a notar. Com a queda de Hitler e Mussolini, em 1945, constituiu-se a Federação Democrática Internacional das Mulheres. Um ano mais tarde, a ONU constituiu a Comissão da Condição Jurídica e Social da Mulher e anexou os seus documentos à Declaração dos Direitos do Homem, como sinal de que eram precisas proclamações especiais. Em Portugal, a mulher continuava a ocupar o mesmo lugar: uma senhora que não frequentava cafés, não usava calças compridas, não fumava, não devia sair à rua sem o seu chapéu ou sem ter os cabelos devidamente alinhados. Panorama referido e observado na sua estadia em Portugal, onde a autora refere ser um país dominado por homens. Com esta obra tem como principal foco a compreensão da história da opressão da Mulher. Querendo assim esmagar todos os estereótipos e reescrever a história da mulher.

³¹ Deguy & Beauvoir, 2008, pp. 43-44

Confrontadas e enraizadas numa sociedade fundamentada no patriarcado, as mulheres tornaram-se no segundo sexo ³² sujeitas da insignificância social. A submissão do gênero “frágil” ainda é um conflito latente, que se torna omissivo através dos diversos meios de comunicação que continuam a promover a ideia de que as mulheres possuem igualdade de direitos em relação aos homens, ainda que no cotidiano não se vivencie isso.

“Eu disse como esse livro [O segundo sexo] foi concebido; quase fortuitamente, querendo falar de mim, percebi que precisava descrever a condição das mulheres [...] Tentei pôr em ordem no quadro, à primeira vista incoerente, que se ofereceu a mim: em todo caso, o homem se colocava como o Sujeito e considerava a mulher como um objeto, o Outro. [...] Um dos mal-entendidos que meu livro suscitou foi que se pensou que nele eu negava qualquer diferença entre homens e mulheres: ao contrário, ao escrevê-lo medi o que os separa; o que sustentei foi que essas dissemelhanças são de ordem cultural e não natural. Conteí sistematicamente como elas se criam, da infância à velhice, examinei as possibilidades que este mundo oferece às mulheres, as que lhes são recusadas, seus limites, suas oportunidades e faltas de oportunidade, suas evasões, suas realizações.”³³

Na citação acima, da sua biografia, escrita em 1963, sintetiza os dois problemas centrais de *O segundo sexo*. Um deles já está sugerido no próprio título: a mulher é o não sujeito, é o Outro, o segundo. O outro problema diz respeito à forma como justifica esse argumento. Ser o Outro não é uma condição determinada pela natureza. É a cultura que define a experiência da mulher desse modo. Essas ideias, porém, nem sempre foram interpretadas dessa forma. Em parte, porque a recepção de *O segundo sexo* entre os seus contemporâneos foi marcada por hostilidades pessoais. Acusaram-na de ser:

"neurótica, frustrada, uma deserdada, uma mulher-macho, uma invejosa, amargurada repleta de complexos de inferioridade com relação aos homens, com relação às mulheres, roída pelo ressentimento"³⁴

A historiadora **Michelle Perrot**, ao falar dos “excluídos da história”, conta-nos sobre a prática das mulheres nos lavadouros no século XIX na França, local que, segundo ela, desempenhava um papel muito grande para a sociabilidade feminina. Uma história “sem as

³² Beauvoir, S., 1967

³³ Beauvoir, S., 2009, pp.210-1

³⁴ Beauvoir, S., 2009, p. 214

mulheres” parece impossível. Todavia, ela sempre existiu. Pelo menos no sentido coletivo do termo: não só das biografias, das vidas das mulheres, mas de mulheres, no seu conjunto e ao longo dos tempos. É desta forma que Michelle Perrot apresenta a problemática da história das mulheres. No final da introdução do seu livro “As Mulheres e os Silêncios da História”, Michele Perrot pergunta: “Mulheres, quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos? Qual foi o nosso caminho neste mundo? Vocês nos ouvem?”³⁵

De acordo com Perrot:

“A história das mulheres e das relações entre os sexos coloca de maneira muito feliz a questão da permanência e da mudança, da modernidade e da ação, das ruturas e das continuidades, do invariante e da historicidade...”³⁶

Michelle Perrot considera que a história é o que se passa, a sucessão dos acontecimentos, das mudanças, das revoluções, das evoluções, das acumulações que tecem a transformação das sociedades.

Na sua obra, “Mulheres Públicas” (1998), aponta que uma das principais causas que marcam a condição feminina na sociedade está no facto de que, no espaço público, homens e mulheres situam-se nas duas extremidades da escala de valores. Opõem-se como o dia e a noite. O homem público desempenha um papel importante e reconhecido. Mais ou menos célebre, participa em ocasiões relacionadas com poder por já o ter adquirido à nascença. A mulher — também se diz a “rapariga” — pública é uma “criatura”, mulher comum que pertence a todos. Esta constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria.

Segundo a historiadora francesa,³⁷ a representação das mulheres era apenas uma leve sombra no teatro da memória.

Para Perrot os lavadouros de Paris do século XIX eram locais de feminismo prático, uma vez que já formavam associações e cooperativas. Tanto as lavadeiras profissionais como a típica mulher doméstica, uniram-se, criando alianças e fazendo greves, tanto em Paris como no interior.

³⁵ Perrot, M., 2005, p. 26

³⁶ Perrot, M., 2005, p.25

³⁷ Perrot, M., 2007, p. 22

“O lavadouro também parece ser um lugar ambivalente. Centro de uma verdadeira solidariedade feminina - material (há buscas por mulheres em "dificuldade"), afetiva, cultural -, de uma cultura popular de bairro da qual lavadeiras e donas de casa são um dos pilares (assim, animam as celebrações quaresmais, a festa das lavadeiras), o lavadouro é também um meio de educação do espaço-tempo da dona de casa, que os organizadores consideram excessivamente fragmentado, fluido, irracional.”³⁸

As fontes, rios, riachos, lagoas e lavadouros públicos eram os cenários onde estas mulheres exerciam as suas atividades. Dada a convivência, estes locais, para além de ambientes de trabalho, serviam também como espaços de encontros entre lavadeiras e outros grupos. Em suma, podemos dizer que estes lugares passaram a ser um local que proporcionou a criação de vínculos e ligações entre todas as praticantes desta atividade, favorecendo a ideia de grupo. A política de higiene e o aparecimento dos lavadouros, foram inspirados em modelos ingleses, consequência dos processos de modernização, promovendo assim a ideia de disciplina e evolução. Esta política de higienização, fez com que a prática deixasse de ser desempenhada em riachos e fontes (entre outros locais já mencionados) e passasse a ter um espaço próprio e adequado. Desta forma, era possível conter a poluição das águas, entre outros fatores.

Mais tarde, também por meio do melhoramento das condições sociais, as lavadeiras viram a sua profissão ser posta em causa devido à canalização da água para as suas casas. Consequentemente, estas mulheres viram os seus espaços de trabalho a ser reduzidos.

³⁸ Perrot, M., 1997, pp. 149-163

1.4. OFÍCIO EM ABANDONO, SOBRE O TERRITÓRIO DA AFURADA

“Conjunto de habitantes de um mesmo Estado ou qualquer grupo social cujos elementos vivam numa dada área, sobre um governo comum e irmanados por um mesmo legado cultural ou histórico.”³⁹

Tendo em conta a temática que serve como mote para este projeto, é feita uma análise e caracterização da comunidade da Afurada e da forma como esta se relaciona com o seu território. Citando Carlos Alberto Ferreira de Almeida, percursor no estudo entre a relação dos habitantes para com o seu território, “Sem «onde» ou enquadramento não há tempos, nem individual, nem coletivo, privado ou público.”⁴⁰ Embora a freguesia São Pedro da Afurada tenha sido criada apenas em 1952, é possível encontrar documentação que menciona a parte do território de Gaia, dedicado à pesca, na Carta de Foral de Gaia, concebida pelo rei D. Afonso III, datada de setembro de 1255. “Idem mando que os pescadores da minha vila de Gaia pesquem nas minhas abargas da Afurada e do Areinho [in méis varguis de Furad et de Arino]”⁴¹.

A designação “Furada” aparece nos forais de 1255, 1288 e 1518, sempre com alusões feitas a atividades piscatórias praticadas nesse lugar. Nas Memórias Paroquiais de 1758, continua a ter esta designação que se mantém até meados do século XIX, quando o nome passa a ser Afurada. É principalmente, a partir da segunda metade de 1800, que o lugar da Afurada passou a ser reconhecido como uma comunidade piscatória. É na paisagem das margens que a comunidade ganha força e reconhecimento, devido ao que a localidade lhes oferece. Essa força é desencadeada pelo elemento da água, onde se desenrola grande parte da sua ação quotidiana. É a união entre o espaço e os habitantes que enaltece a sua identidade.

Por meio deste projeto fotográfico, tentei ir em busca da identidade da comunidade e, assim, conseguir extrair as partes características do espaço, do ofício e das mulheres que o praticam.

De que identidade é feita a Afurada? O que é a identidade? Como se forma essa identidade?

³⁹ Definição de Comunidade. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

⁴⁰ Almeida, C.A.F., 1981, vol. I, nº 2, p. 205

⁴¹ Prata. R. S., 198, p. 20-21

Do latim *identitas*, a identidade é o conjunto de características e de traços próprios de um indivíduo ou de uma comunidade. Como Goff descreve, “A identidade transmite uma sensação de pertença de um determinado grupo ou indivíduo a uma qualquer unidade.”⁴² A identidade é contruída com o auxílio da memória, no entanto, relaciona-se não só com o passado como também com o presente e o futuro. Podemos dizer que a identidade e a realidade estão juntas numa só representação.

Relativamente à atividade praticada no lavadouro da Afurada, conseguimos identificar a necessidade de conhecer e realçar a importância do ofício, quer atualmente quer no passado. Dentro deste espaço, conseguimos encontrar vários rostos marcados pelo tempo e consequentes memórias do passado, reforçadas pelas histórias contadas pelas personalidades que nele se encontra.

Assim, o projeto fotográfico surge de forma a auxiliar na construção da identidade desta comunidade e ainda, como meio de dignificar a história da mulher lavadeira. Apresenta-se, assim, o retrato de várias mulheres, de um local e de uma comunidade.

“A coesão de uma freguesia resulta do facto de ela ser uma comunidade de famílias, de relações de trabalho, de tradições culturais e religiosas de uma prática de vida em comum [...]”⁴³

Reconhecemos a Afurada pelos longos estendais que estão inseridos na paisagem urbana. Até há muito pouco tempo, lavar roupa para outras famílias, era a atividade de sustento de muitas famílias Afuradenses. Neste momento, a lavagem da roupa no lavadouro é também um ritual de socialização, de encontro e de uma forma de perpetuar a atividade na história da localidade. Apesar de ser uma comunidade fechada, não foi imune à mudança dos tempos e aos avanços tecnológicos. Porém, continua a ser usada a mesma receita de sempre: sabão e água, uma escova, uma bacia na cabeça e muita boa cantoria.

Noutros tempos, as ruas da Afurada eram preenchidas pelas lavadeiras, também conhecidas por varinas, mulheres vendedoras de peixes. Uma vez que, tendo em conta a forte atividade piscatória – desempenhada essencialmente por homens, as mulheres ficavam em terra, responsáveis pela venda do peixe enquanto estes iam para o mar. Hoje,

⁴² Goff, J.L., 1990, p.116

⁴³ Santo, M. E., 1980, pp. 216

as mulheres lavadeiras são ícones da resiliência. Fruto da resistência ao tempo, ainda que a atividade em si, esteja em queda, especialmente a sua profissionalização.

Através do tempo passado junto desta comunidade, percebi que estas mulheres recordam muito o passado, afirmando que já nada é como era. Dizem que “nós” os jovens não sabemos nem nunca saberemos como lavar a roupa. Que a máquina de lavar roupa não lava as meias em condições e que a nossa roupa já não é a mais branca. As idas diárias ao lavadouro, ainda permanecem nas nossas cidades e na nossa sociedade, ainda que de forma recreativa. Contribuindo assim para a construção de uma memória dos gestos tradicionais destas mulheres deste ofício.

CAPÍTULO 2.

REVELAÇÕES NO PROCESSO FOTOGRÁFICO

2.1. A ATUAÇÃO NO ESPAÇO

De modo a entender e conhecer a história por detrás da lavadeira, enquanto mulher e profissional, foi necessário realizar uma investigação apresentada no capítulo anterior. A partir dessa mesma investigação, foi possível partir para o trabalho prático, procurando assim representar o papel da mulher a partir de observação e apropriação fotográfica. A divisão entre parte teórica e parte prática traduz-se na necessidade de conhecimento profundo de toda a historicidade do lugar da Afurada e da sua comunidade, para que eu pudesse estar ligada o mais possível com o meio envolvente. Mas também, o papel da mulher lavadeira contemporânea em analogia à mulher do antigamente. O espaço escolhido para a realização do projeto situa-se na freguesia de Santa Maria da Feira, São Pedro da Afurada, zona piscatória na zona Norte do país, situado na margem do rio Douro perto da foz.

O trabalho diário como fotógrafa documental, foi essencial para conseguir conhecer todas as mulheres que utilizavam o lavadouro e estar presente no espaço de forma não intrusiva. Procurou-se apresentar um retrato a nível fotográfico dos elementos mais importantes nesta profissão, como por exemplo, a água, a roupa, os estendais e os tanques.

De forma a compreender se a minha presença e o projeto fotográfico seriam aceites pela comunidade, foi realizada inicialmente uma reunião com Laura Gomes, membro da Junta de Freguesia de São Pedro da Afurada, responsável pelo Pelouro da Ação Social. A ideia foi bem-recebida e aceite, tendo sido demonstrado que as próprias lavadeiras gostariam de participar. A mesma contribuiu ainda com informações sobre a história da Afurada, partilhando histórias caricatas sobre o grupo de lavadeiras que se reuniam no lavadouro. No mesmo dia da reunião, na companhia de Laura, desloquei-me até ao lavadouro e fui apresentada pela mesma às lavadeiras que se encontravam a lavar roupa. Novamente, apresentei-lhes o objetivo do projeto fotográfico. Apesar da boa receção, nem todas quiseram participar no mesmo.

Desloquei-me novamente ao lavadouro, desta vez sozinha e sem máquinas fotográficas, com o objetivo de criar laços com as mulheres que se tornariam as protagonistas do projeto. De forma a dar-me a conhecer e criando empatia com as mesmas, para que quando

chegasse o momento, estas se sentissem confortáveis na presença de objetivas. Para mim, representou um passo essencial para um projeto documental. Este contacto permitiu-me ainda ouvir histórias do antigamente, das famílias e das mulheres, que contribuíram para uma melhor compreensão da comunidade.

Depois destes primeiros contactos, desloquei-me várias vezes ao lavadouro, durante cerca de dois meses, nesta fase, para realizar os registos fotográficos. Questões como a meteorologia são importantes quando se trabalha esta temática, uma vez que, chovendo, não podem estender as roupas. Ou seja, não iria encontrar lavadeiras. O horário também se tornou um fator decisivo, tendo percebido que o horário de eleição das lavadeiras é depois do almoço, tendo sido este momento em que pude efetuar mais retratos. No entanto, nas visitas em que encontrei um menor número de lavadeiras, consegui um retrato mais intimista, pois foi possível estabelecer um diálogo e conseqüentemente, uma maior abertura. Nos momentos em que me desloquei e o lavadouro se encontrava vazio, tive a oportunidade de fotografar o local e brincar com a luz e os reflexos na água. Desta forma, pude obter registos sem presença humana. Tendo uma maior facilidade em experimentar vários ângulos e pontos de vista do espaço. Na verdade, todas as visitas contribuíram de certa forma para o resultado final, permitindo melhoramentos e momentos de experimentação.

A proposta inicial seria fotografar o projeto em analógico, remetendo assim para a reforçando o quão antiga a atividade é. No entanto, compreendendo que o projeto iria retratar a lavadeira contemporânea, acabei por optar pelo uso de uma máquina digital, nomeadamente a Canon 5D Mark I. Maioritariamente, os registos foram feitos utilizando uma objetiva 50mm, para registo de pormenores e com o objetivo da fotografia transparecer um ambiente mais privado e familiar.

Assim, teria da parte destas mulheres o à vontade e o conforto necessário para retratar fielmente o seu trabalho. Aceitando-me assim, no seu espaço.

Optei por realçar a identidade inerente desta comunidade através da sua relação com a água e a própria roupa. Captando assim rostos, mãos, caminhos e espaços integrantes dos vários procedimentos de trabalho. Entre os quais, o espaço circundante do lavadouro, nomeadamente, a zona dos estendais e o interior do mesmo, a zona do tanque de água.

O próprio tanque, é subdividido, para diversas utilidades. Existe o tanque para a lavagem do peixe que chega diretamente do mar; o tanque de água onde se mistura o detergente; e outro com a água limpa, para retirar qualquer produto existente nos têxteis.

A água é repostada regularmente, com um intervalo de cerca de uma semana. Mantendo assim, a água limpa e pronta para utilização.

Durante o processo de desenvolvimento do conceito do projeto e também no período de reflexão do mesmo, ressalva-se a ideia de que o próprio espaço é um objeto de memória. É um lugar central da localidade, constituindo um marco na história e servindo como cenário em vários momentos da vida quotidiana dos seus habitantes, desde setembro de 2003. Neste sentido, podemos afirmar que o lavadouro contribuiu para a consolidação das raízes históricas e identitárias do lugar da Afurada, das suas gentes e dos modos de vida tradicionais.

Afurada, lugar dos pescadores e do bom peixe.

Dos barcos e das redes de pesca.

Do encanto do local com vista para a foz do lado de lá da margem e da imponente Ponte da Arrábida que liga Porto a Gaia.

Das ruas estreitas e das pessoas falarem de porta em porta.

O contraste dos barcos de madeira com os grandes barcos.

As mulheres e os aventais.

As bacias de roupa na cabeça.

A roupa estendida em entendais rudimentais, feitos de paus de madeira e cordas.

No centro, o lavadouro público onde se juntam grande parte das mulheres da comunidade para lavarem as suas roupas e muitas vezes as dos outros, uma tradição que ainda hoje continua presente. Grande parte destas mulheres têm máquinas de lavar roupa em casa, mas todas dizem que não é a mesma coisa. Que as roupas saem mais brancas e que a máquina não lava a roupa ao pormenor. Não abdicam de irem até lá, onde conversam, riem, cantam, dançam e, o mais importante, onde a roupa sai mais branquinha.

Com cada uma das lavadeiras aprendi diferentes maneiras de lavar a roupa, o jeito que cada uma tem e os pequenos pormenores que até então eram quase impossíveis de saber.

O jeito de torcer a roupa, o lavar os panos da cozinha à parte para que o resto da roupa não fique com cheiro de comida, o lavar os objetos de cortar o peixe e a roupa usada no dia da venda do peixe antes de ir para casa. Os enroladinhos de roupa que fazem depois de lavados, o virar as meias mais que uma vez para que fiquem as mais brancas possíveis e como ao lavar coisas mais pesadas, há sempre uma mão amiga que se oferece para ajudar. O bater com a roupa na pedra e o ensaboar com sabão a roupa para esfregar com uma escova; O som das cantorias a ecoar nas paredes do lavadouro ao mesmo tempo que se ouve o mergulhar das roupas na água.

Mas como em todas as famílias, nem todos os momentos são de alegria. Quando alguma decide usar as cordas de estender que não lhes pertence, irá haver desconversação, pode-se até esperar cordas rompidas, mas passado uns minutos está tudo bem. Tal como, levar os sacos de plástico presos à corda da vizinha para se conseguir transportar as molas para casa e tornar isso num ciclo que leva todas à discórdia.

2.2. A ÁGUA COMO ELEMENTO

A água surgiu nos espaços da vida do Homem, desde a civilização egípcia à persa. Mas é a civilização romana a que cria múltiplas formas de controlo e manipulação em muitas das suas cidades, através da condução e distribuição de água, convertidos em aquedutos, canais, tanques, reservatórios, cisternas e fontanários aparecendo, deste modo, como pontos ordenadores dos espaços públicos. Estes elementos resultaram para satisfazer necessidades básicas como beber e regar, que logo começaram a evocar valores a nível cultural, social e espiritual, até ao nível religioso, fazendo com que vários povos criassem e adorassem divindades com origem na água.⁴⁴

O Rio Douro tem sido, historicamente, o dinamizador de todas as suas atividades económicas e fonte de crescimento económico de comerciantes. A vida na água do rio Douro revela-se com as narrativas do tempo real e passado. A narrativa contruída em torno dos seus antigos “consumidores”, como as lavadeiras. A memória de várias lavadeiras naqueles lugares onde por vários anos lavavam a roupa nas águas do rio. A água é vista como berço, recurso, fonte e como memória. O recordar o passado traça-nos assim o caminho para o presente. O vínculo de muitos e muitos anos. A água torna-se um peso pesado para estas mulheres lavadeiras, a água que alimenta, a água que cura, a água que lava.

O que liga estas mulheres lavadeiras será sempre a frequência do lavadouro público. A água e a roupa tornam-se os elementos mais importantes do seu quotidiano. Desde sempre a água torna-se símbolo ou uma memória. Antigamente, a vinda das mulheres com a roupa em baldes seguros pela cabeça pela rua a abaixo até ao rio Douro. E hoje em dia desde as suas casas até ao lavadouro público.

“Entre as mulheres e a água, a ligação é imemorial. Foi reforçada no século XIX pela preocupação com o linho, chave de uma primeira revolução industrial essencialmente têxtil, preocupação tornada mais obsessiva pela exigência de limpeza que ainda era largamente ilusória devido à fragilidade dos equipamentos.”⁴⁵

As mulheres desde sempre tiveram uma relação cultural e simbolicamente com a água. Podemos identificar isso em três maneiras diferentes de utilizar a água: cozinhar, limpar e

⁴⁴ Maia, F. N., 1994. pp. 9-15

⁴⁵ Perrot, M. 1997

beber. Algumas das fontes de rua era utilizada tanto para a lavagem da roupa como também para consumo. Ou então, utilizados para os banhos das crianças, tornando-se espaços de encontros para as mães que lavavam a roupa e para as brincadeiras dos filhos. Com o interesse da higienização da cidade, ideias trazidas pela França, o papel da igreja Católica faz com que a água se torne símbolo de limpeza e saúde. Deste modo a água torna-se essencial na urbanização. Assim com um novo pensamento na sociedade. A água surge também como símbolo da presença de vida. Durante os primórdios, e o instinto de sobrevivência como base, a água para uma comunidade, transforma-se no princípio das coisas. No universo literário, religioso e mitológico sempre nos foi apresentado figuras femininas ligadas à água.

“A relação entre água e feminilidade é frequentemente destacada por vários autores. A fertilidade, a sexualidade, a flexibilidade e a instabilidade são atributos geralmente relacionados à mulher e também presentes no elemento aquático.”⁴⁶

O elemento da água assume aqui o elemento principal desta história. Torna-se assim um elixir da alma, uma terapia. Até que as águas parem e separem.

⁴⁶ Junior, H. F. Poéticas Líquidas: a água na arte contemporânea, disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-13082009-155421/publico/923480.pdf>

2.3. CONFIGURANDO A SÉRIE FINAL

De modo a conseguir dar a conhecer completamente o espaço, foram selecionadas fotografias tanto do interior como do exterior do lavadouro. Estas servem como forma de caracterizar o espaço onde a ação ocorre. A partir das fotografias de pormenores, como por exemplo, as mãos na água e na roupa, os pés descalços e as bacias com os enroladinhos de roupa, procura-se apresentar elementos e ações inerentes à atividade. E, uma vez que, a mulher lavadeira é o principal objeto de estudo, o retrato é essencial para o reconhecimento e perpetuação da memória destas mulheres no espaço e na história. Através destes três tipos de registo fotográfico, procurei transmitir o ambiente vivido no lavadouro, as ações e materiais que fazem parte da atividade e materializar o rosto daquelas que podem ser as últimas lavadeiras da história.

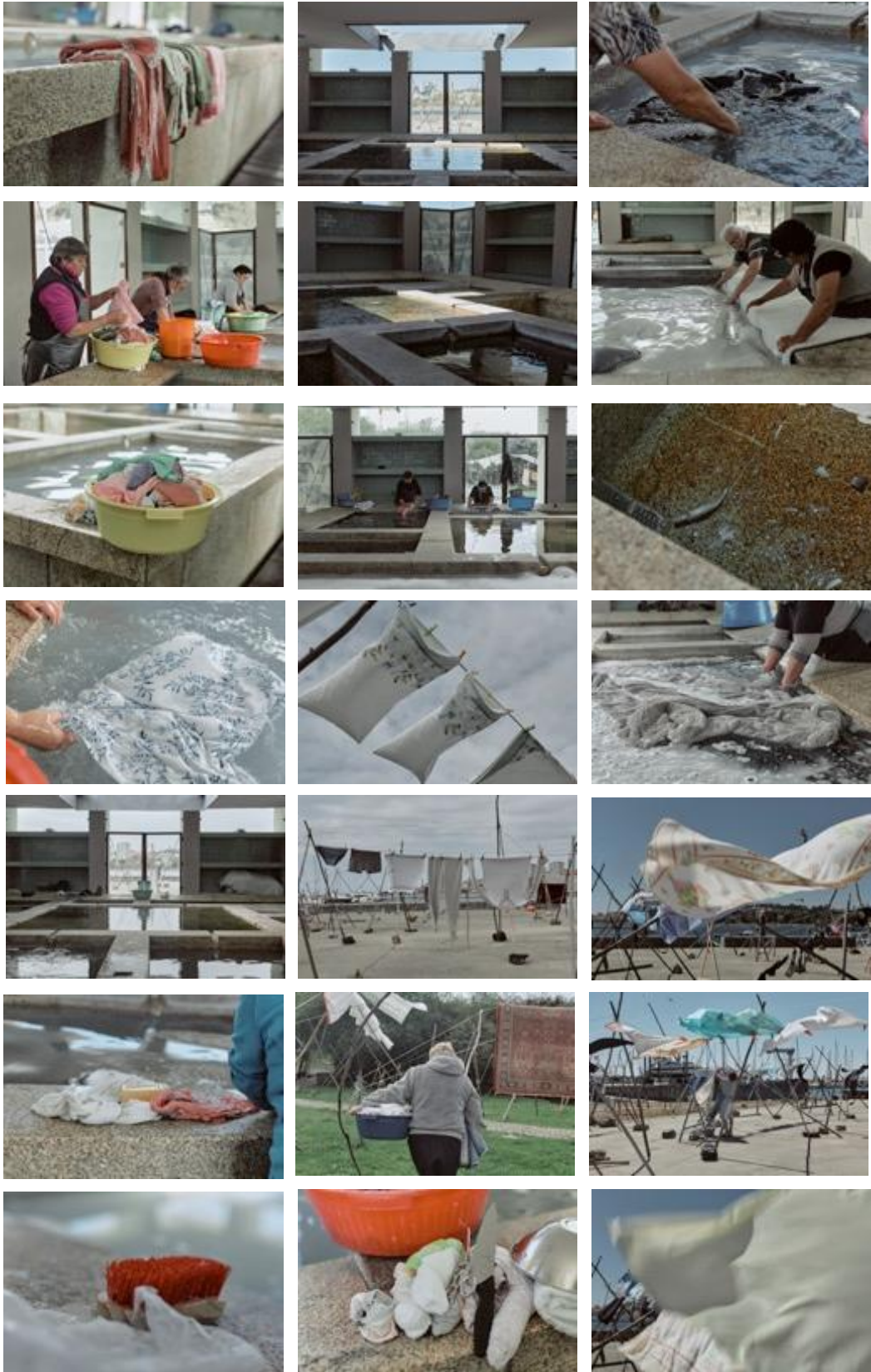
Devido ao granito e à aproximação ao rio, o espaço em si torna-se cinzento. Neste sentido, foram escolhidas fotografias que de alguma forma tivesse alguns pontos de cor. Criando realces para que no visionamento do conjunto das fotografias finais estas não se tornassem monótonas. Tratando-se de uma temática ligada à água, a luz desempenha um papel fundamental criando contrastes, brilhos e relevâncias quando refletidas.

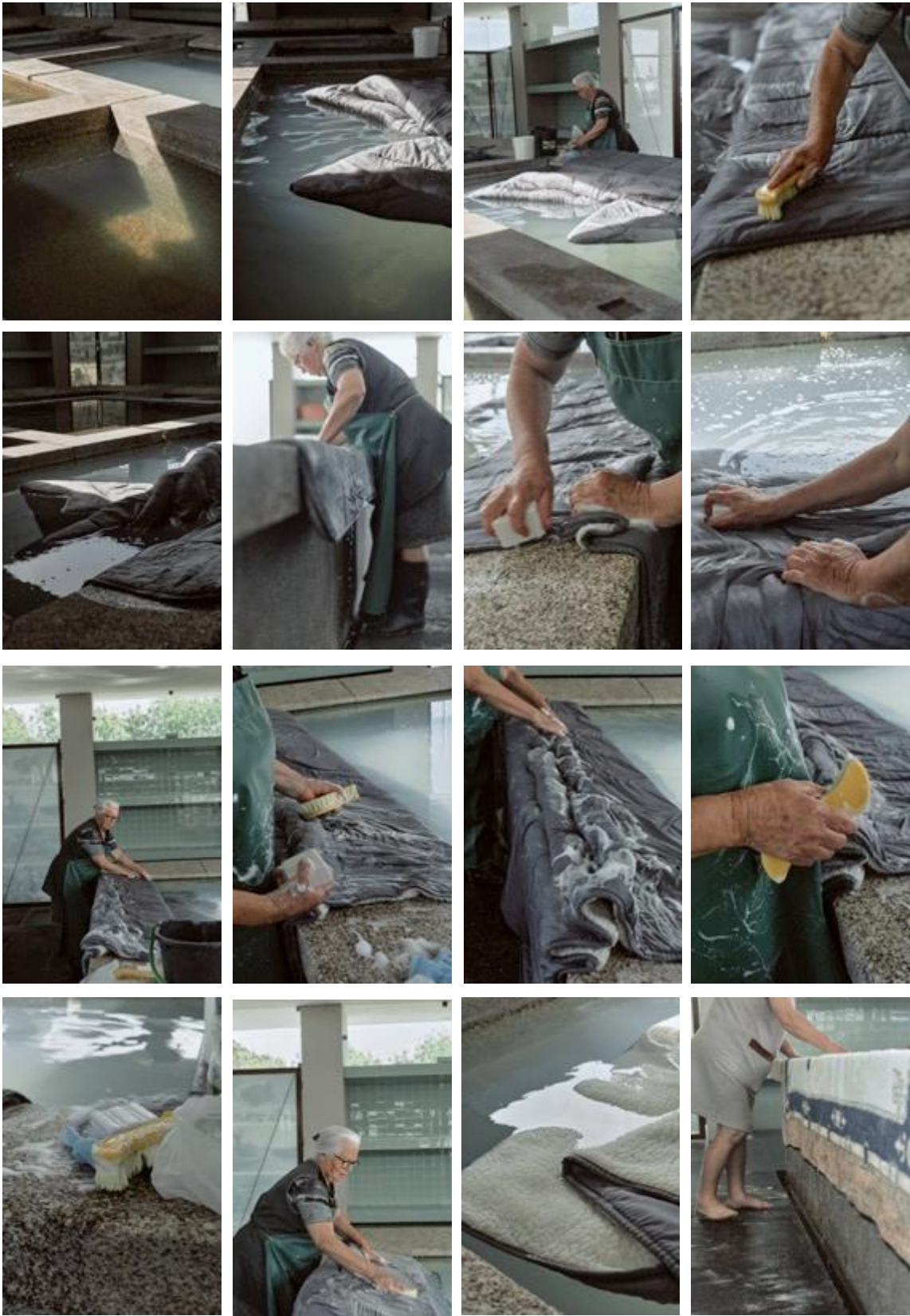
No exterior, contrariamente ao apresentado no interior do lavadouro, exibem-se linhas dinâmicas e pontos que se ligam no horizonte. Ainda no exterior, denota-se maiores contrastes de sombra-luz, devido à luz direta do sol. Estas fotografias, apresentam uma oposição às do interior, devido à luz direta e à luz difusa, respetivamente. Ajudando assim, a estabelecer uma comparação entre os dois espaços.

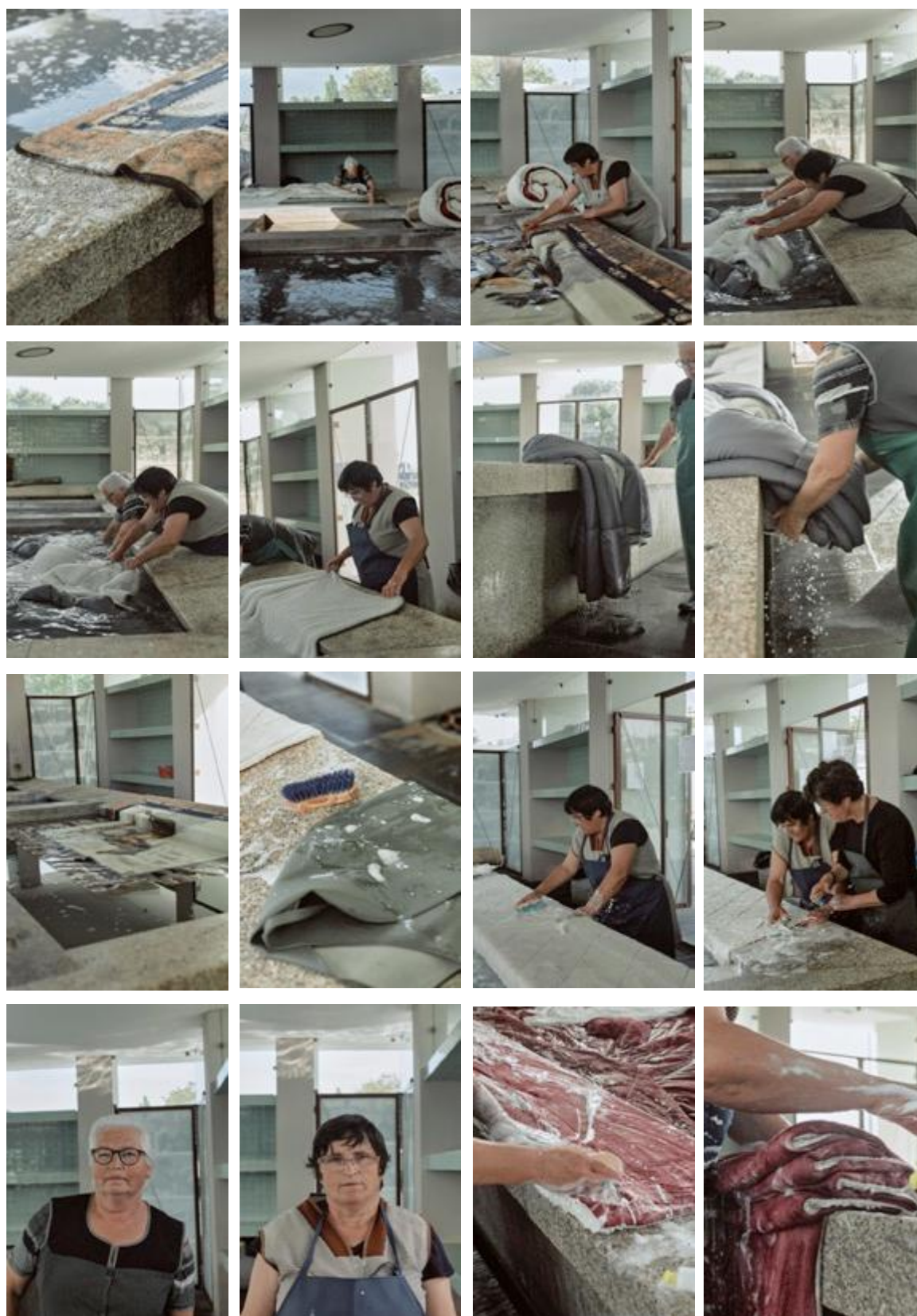












12. Painele da seleção “As Lavadeiras. Até que a água (se)pare”, Beatriz Sousa, 2022

2.4. O LIVRO

O conceito gráfico de “As Lavadeiras” baseia se em três pilares: linha de tempo, memória e robustez.

O formato horizontal, escolhido por se assemelhar a um álbum de fotografias onde também guardamos histórias, confere ao livro um aspeto compacto, acentuado pela capa dura. No entanto, o uso de espaços brancos traz a leveza e frescura da roupa limpa, da água e dos tanques, que deixa respirar o trabalho. Retratando, exatamente o contraste entre o trabalho árduo das lavadeiras com o amplo espaço onde trabalham.

A linha de tempo está representada nas páginas de texto (introdução e visão final sobre a Afurada) onde vemos uma linha contínua que inicia e termina este trabalho como se fosse uma linha temporal. Para este conceito de tempo, é também importante realçar o formato horizontal do livro que acentua a ideia de continuidade, de história e de linha temporal.

Por fim, a memória. A profissão de lavadeira, brevemente extinta, é eternizada em pormenor neste trabalho. Os pés descalços, os panos escorridos e as feições de quem ainda se dedica à profissão são retratados com sinceridade e intimidade. Assim, o centro do livro encerra com os nomes próprios destas mulheres lavadeiras, as personagens principais desta memória.



13. Mockup Marcadores de livro
“As Lavadeiras. Até que a água (se)pare”



14. Mockup do livro digital
“As Lavadeiras. Até que a água (se)pare”

CAPÍTULO 3.

A FOTOGRAFIA DOCUMENTAL PONTOS DE ENCONTRO COM “AS LAVADEIRAS – ATÉ QUE A ÁGUA (SE)PARE”

3.1 FOTOGRAFIA DOCUMENTAL

A fotografia deve ser entendida como prova, documento e linguagem.

A fotografia surgiu com a possibilidade de transformar o tempo em espaço e o espaço em tempo, como bem colocou Roland Barthes, em “A Câmara Clara”⁴⁷. No ensaio intitulado “Objetos de melancolia” lemos: “A fotografia é o inventário da mortalidade”. O autor, ao notar que a fotografia suscitava a ideia de morte, por ser gravada uma presença que depois se fará ausente. “(...) na fotografia jamais posso negar que a coisa este ali”; “A fotografia é literalmente uma emanção do referente”; “Diríamos que a foto sempre continua carregando seu referente.”

Algo que esteve presente naquele preciso momento, naquele segundo e ficou para sempre retido na fotografia. Não se repete mais. Este fator é observado especialmente no caso dos retratos. As pessoas desaparecem, mas ficam para sempre fixadas na fotografia. O inventário é como uma acumulação de provas de uma presença, (e por isso de uma existência), mas que se encontra já ausente. Barthes também menciona este momento existencialmente irrepitível.: “(...) O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.”⁴⁸ Segundo Susan Sontag, o ato fotográfico faz com que o fotografado se torne parte de um sistema de informação, “a exploração e duplicação fotográfica do mundo fragmentam a continuidade e acumulam as peças num arquivo interminável, possibilitando assim um controlo que era inimaginável no anterior sistema de registo de informação: a escrita”⁴⁹

A partir dos anos 30 começou a ser usado o termo “Fotografia Documental” e ficou até aos dias de hoje. A fotografia documental é um género fotográfico que incorpora propostas, propósitos e valores na sua prática. Surge com o término da II Guerra Mundial,

⁴⁷ Barthes, R., 2006

⁴⁸ Barthes, R., 2006, p. 12

⁴⁹ Sontag, S., 1986, p. 138

foi em busca de novos valores e após o qual a modernidade foi anunciada como uma promessa de um futuro melhor.

É após a segunda guerra mundial, que os meios de comunicação sofrem uma grande reestruturação, principalmente no rádio, cinema e fotografia. E com este progresso a fotografia de reportagem teve um crescimento visível, uma vez que desta nova reformulação dos meios de comunicação a imprensa começa a oferecer para além de informação escrita, deste modo assim, a fotografia passa a ser considerada a maior arma de transmissão de informação.

“À medida que o meio se desenvolveu, no entanto, a Fotografia Documental tornou-se tão difusa que passou a ser discutida através de toda uma série de subgéneros fotográficos. Falando, então, uma definição verdadeiramente precisa, a Fotografia Documental é melhor pensada como um termo abrangente que engloba muitos estilos e temas, incluindo: Documentário Social; Fotografia de Conservação; Fotografia Etnográfica; Fotografia de Guerra; o ensaio fotográfico; Novos Documentos; e Fotografia de Paisagem Social.”⁵⁰

“A fotografia como prova (evidência) de que determinado objeto esteve presente, ao mesmo tempo que está já ausente, e é aí que reside a loucura da fotografia, esta permanente oscilação entre o que não está lá e o que existiu de facto ou a “imagem louca, tocada pelo real”⁵¹.

Desde sempre que a temática da mulher e da condição feminina me tem interessado, essencialmente por ter a consciência do que realmente acontece. Neste capítulo irei apresentar várias escritoras e fotógrafas que documentaram as desigualdades. Ao tornar visíveis para a “opinião pública” sofrimentos até então distantes do olhar — indígenas em terras longínquas, trabalhadoras no interior das fábricas, moradoras de cortiços e imigrantes no campo, a fotografia, no fim do século XIX e início do século XX, foi largamente responsável por incluí-las no imaginário social. Para a realização do projeto

⁵⁰ The art story, Summary of Documentary Photography, disponível em <https://www.theartstory.org/movement/documentary-photography/> (consultado a 28/08/22)

⁵¹ Barthes, R., 2006

fotográfico documental houve um planeamento de estrutura de narrativa e composição pictórica. Tendo em conta a este fator, o meu projeto foto-documental surge com a intenção de perpetuar na memória dos locais, pessoas e emoções. E a partir disto, realçar a importância dos lavadouros e lavadeiras.

Conseguindo a reunião da história do espaço e das pessoas contribuo assim para a luta feminista e para a realização pessoal da mulher. Manifestar o poder da fotografia em trazer o reconhecimento e a sua importância. O objetivo é também colocar na história a continuidade da atividade e as conseqüentes mudanças que existiram. Faço também a contextualização do surgimento desta atividade procurando também refletir sobre os progressos feitos e sobre os efeitos que teve na atividade e nas mulheres que a procuram. Descrevendo várias das lavadeiras fotografadas: Vestidas de avental próprio para o manejo da água e a roupa, com galochas ou simplesmente descalças, as lavadeiras são reconhecidas também pela maneira do transporte das bacias com roupa. Na cabeça traziam o peso da roupa suja até, outrora, aos rios e fontes. Atualmente fazem-no da mesma maneira, mas a sua estação final é no lavadouro público. Os seus rostos e mãos com sinais de linha de tempo. Muitas vezes encaram a própria máquina fotográfica e a partir do olhar conseguimos decifrar o quão fortes têm que ser.

A partir da comunidade de lavadeiras, da zona da Afurada, procuro a representação do trabalho referido muitas vezes como “trabalhos femininos” e assim trazer à tona temas como discriminação e socialmente ditas como “as outras”.

3.1. MARIA LAMAS E DOROTHEA LANGE

Pretende-se aqui analisar a representação das mulheres portuguesas a partir do olhar de Maria Lamas. O ponto de partida é anunciado pela própria autora, “como vivem e trabalham as mulheres portuguesas” Pelo exemplo de coragem e pelo contributo que Maria Lamas deu no impulso à luta das mulheres pela sua emancipação, é de plena justiça o conhecimento da sua ação também pelos valores da liberdade, da justiça e da democracia. Maria da Conceição Vassalo e Silva (1893-1983), nasceu no dia 6 de outubro, na cidade de Torres Novas. Escritora, tradutora, jornalista e ativista política portuguesa. Cresceu numa família de tradições religiosas pela parte da mãe e orientações políticas republicanas a partir do pai. Nasceu durante o regime monárquico português, acompanhou a instauração da República, da Ditadura, a implementação do Estado Novo e participou na Revolução de 25 de abril de 1974 e pós-Revolução. Teve uma vida de luta a nível político, onde lutou pela defesa da mulher, da criança, da paz e da democracia. “As Mulheres do Meu País”, volumes publicados de Maio de 1948 a Maio de 1950 que traçou o retrato minucioso da condição da mulher em Portugal nos anos 1940. A obra pretendia mostrar "como vivem e trabalham as mulheres portuguesas, socorrendo-se para isso de uma extensa reportagem fotográfica.

Lamas desafiou a suposta proteção do Estado Novo em relação às mulheres portuguesas e decidiu durante dois anos retratar as condições de vida e de trabalho das mesmas. Maria Lamas escreveu:

“Percorri todo o Alto Minho - regiões de Monção, Melgaço até Castro Laboreiro; Valença, Ponte da Barca, Lindoso e Soajo. Visitei muitas aldeias. Andei de comboio, de automóvel, de jeep, de camião e a pé. Atravessei desfiladeiros, córregos e chãs. Apanhei chuva, frio, neve e também sol. E aqui estou mais entusiasmada com As Mulheres do Meu País do que quando saí de Lisboa. Esta obra tem muito mais interesse e é muito mais vasta do que eu própria supunha.... Estou a trabalhar com inteligência, com os nervos e os músculos, mas também com o coração. Não lhe conto pormenores das minhas viagens porque desejo mantê-las tanto quanto possível inéditas até a publicação da obra. Mas sempre lhe digo que uma viagem destas, nas circunstâncias em que a estou fazendo é uma lição de vida mais profunda e eficaz do que os melhores livros”⁵²

⁵² Fiadeiro, M. A., 2003, p.141

“Deus, Pátria e Família” discurso impulsionado pelo Estado Novo, que via a mulher como alguém que dentro do lar deve ser amada e respeitada, tinha assim a função de mãe e educadora. O governo português tentou controlar e orientar a vida feminina através de discursos, organizações e instituições que estavam alinhadas com este ideal. A família era a pedra fundamental da sociedade organizada, portanto ao homem ficaria a função de lutar com a vida no exterior e à mulher defendê-la no interior da casa. Maria Lamas com esta obra tem como objetivo refutar todo este discurso em que sociedade “crescia”. O livro publicado pela escritora e jornalista no final da década de ‘40 do século passado pode ser considerado como a primeira utilização sistemática da “fotografia pública impressa” no contexto de um discurso divergente da propaganda do Estado Novo. Na medida em que o conteúdo da sua extensa reportagem sobre a condição feminina em Portugal da época se apresenta claramente distinta do discurso dominante do regime. De acordo com o que Roland Barthes escreveria mais tarde, “a imagem funciona como um retorno episódico à denotação, sendo a palavra que vem sublimar, conferir patetismo [pathos] ou racionalidade à imagem”⁵³

Calado considera que as fotografias de Maria Lamas são importantes na história da fotografia portuguesa (e mundial) e expando um conjunto representativo de provas de época.

“A fotorreportagem de Maria Lamas mantém-se, como o primeiro contradiscurso textual e fotográfico do período do Estado Novo. m Portugal, o equivalente fotográfico da FSA (Farm Security Administration) é obra de uma única mulher: Maria Lamas.”⁵⁴

Conseguindo assim levar à estatura de grandes fotógrafas, como o exemplo da segunda autora de referência, Dorothea Lange (1895 – 1965) nasceu uma das mais renomadas e influentes fotógrafas do século 20. Ficou especialmente conhecida por documentar os impactos da grande Depressão dos Estados Unidos, mostrou-se sempre interessada em fotografar assuntos de cunho social e relacionados à pobreza e miséria, e tinha um desejo muito grande de contribuir com uma mudança efetiva no mundo através de seu trabalho.

⁵³ Barthes, R., 1961

⁵⁴ Calado, J., 2009, pp. 80-81

“Com a crise económica, dois milhões de americanos desempregados e a migração de trabalhadores do campo para a Califórnia, aquela década foi um período de grande atenção aos problemas sociais e possíveis conflitos nos Estados Unidos. Naquela época, foi criado o paradigma do documental como género fotográfico, articulado a uma série de outros fatores, como o aumento do número de revistas ilustradas e o aparecimento da câmara 35mm, que permitiam maior agilidade e versatilidade”⁵⁵

Foi nesse contexto e sob a proteção da Farm Security Administration (FSA), uma agência governamental criada para promover a recuperação da economia rural e dos agricultores norte-americanos, que Dorothea Lange fez a famosa fotografia da “Mãe Migrante”.

Num artigo de 1960, a fotógrafa descreveu o momento em que o retrato foi produzido: estava no seu caminho de volta para casa, quando passou por um grupo de trabalhadores rurais em Nipomo, na Califórnia. Empregados como catadores de ervilha, esses trabalhadores volantes prestavam serviços temporários no campo, enquanto empreendiam uma longa jornada para o Oeste, em busca de melhores condições de vida na região frutífera da Califórnia. Seguiu adiante, mas, alguns quilómetros à frente, resolveu retornar. Viu a mãe com vários filhos e resolveu fotografá-los. Em menos de quinze minutos, tirou seis fotografias, quadros cada vez mais fechados, da família. A última foi o célebre retrato frontal da mãe com três das suas crianças.⁵⁶

Uma das representações mais conhecidas da Depressão é a história de três crianças agarradas à mãe cansada, com um olhar que transmite uma dureza sombria e uma perplexidade sobre a precária situação em que se encontrava. A imagem tornou-se um ícone da época, a representação de um país de trabalhadores árduos em necessidade.

Ambas as fotógrafas têm uma motivação social e política; retrataram o sofrimento, produzindo imagens simbólicas de família e trabalhadores. São rostos de mulheres de diferentes nacionalidades, etnias, culturas, em distintas fases da vida. A condição exclusivamente feminina, é aqui representada por ambas, através de registos captados em diferentes épocas e lugares. Tal e qual, o que eu procurei com esta minha seleção documental das lavadeiras, retratos enquanto realizam a sua atividade profissional.

⁵⁵ Price, 1997, p. 77

⁵⁶ Lange, D., 1960

CONCLUSÃO

“Não vão acreditar, mas é verdade. A 10 minutos do centro do Porto/Gaia ainda há um tanque e estendal comunitário. Acredito que a maioria das senhoras que o usam não o façam por necessidade, estou certo que muitas já tenham máquinas de lavar roupa em casa, mas mais como forma de socializar e de se manterem atualizadas sobre os temas quentes da vila piscatória e arredores!”⁵⁷

Os lavadouros, apesar de contrariarem o seu objetivo principal, tornaram-se um espaço fulcral para a luta feminista na zona urbana, mesmo quando as tentavam silenciar e afastar. Esta evolução que ocorreu naturalmente, permitiu criar um marco na história, que se espera que com este trabalho, se preserve na memória das cidades. O projeto surge com meio de conservação do que poderá em tempos vir a ser uma memória. Uma história de mulheres, escrita por mulheres e retratada por uma mulher.

Intitulo o trabalho/projeto fotográfico de “Até que a água (se)pare” como mote de discussão para o que é o elemento mais importante, na vida pessoal e profissional destas mulheres. O realçar que quando deixar de haver água, tema que nos tem vindo a preocupar pela extrema seca que tem havido em Portugal nos últimos anos. Ou de uma forma mais poética, a água como o elemento central da vida e da morte. Porque deixando de haver a geração de lavadeiras deixará de existir a água para a lavagem de roupa à mão. Desta forma, tornar-se-á símbolo de vida e trabalho, no álbum de memórias do que em tempos foi destinado às lavadeiras.

Acompanhar as lavadeiras da comunidade da Afurada foi um trabalho que me deu muito gosto de fazer. Não só pela recetividade das mesmas, como em parte reescrever uma vez mais nomes de mulheres na história. Não só na história das lavadeiras e da sua peculiar atividade, como na história da luta social que até aos dias de hoje tem vindo a ser combatida. Infelizmente ainda muito caminho terá que ser caminhado, mas certamente como temos vindo a reconhecer na história, a união faz a força.

Com este percurso ganhei uma afeição à comunidade da Afurada e em modo de homenagem gostaria de futuramente partilhar o resultado final do projeto fotográfico, fazendo uma exposição na junta de freguesia. Uma ideia, já falada com Laura Gomes, para

⁵⁷ The house of sandeman, 2018

se por em prática. E desta forma, fazer agradecimento público às protagonistas da história e para que estas consigam ver o que que foi a minha visão durante estes últimos meses. Quanto à reescrita na história e memória, esta acontecerá na criação do livro onde haverá um marcador com o retrato de cada uma das lavadeiras e com o nome das respetivas, para lhes ser entregue como forma de presente e agradecimento.

BIBLIOGRAFIA

- _ Afonso, J.A.; Guimarães, G., Prata, R.S. (1993). O Foral de Gaia de 1255. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal, Gabinete de História e Arqueologia
- _ Almeida, C.A.T. (1981). Território Paroquial de Entre-Douro-e-Minho. Sua Sacralização. In Nova Renascença. Porto: Associação Cultural "Nova Renascença", vol. I, nº 2
- _ Araújo, J. (1992). História da Afurada. São Pedro da Afurada: Junta de Freguesia
- _ Barthes, R., (2006). A Câmara Clara. Lisboa: Edições 70
- _ Beauvoir, S. (1949). O Segundo Sexo. Tradução: Sérgio Milliet, Lisboa: Quetzal Editores
- _ Benjamim, W. (1931). A Pequena História da Fotografia- disponível em <https://seminariostecmidi.files.wordpress.com/2012/02/benjamin-walter-pequena-historia-da-fotografia.pdf> (consultado em 10-08-2022)
- _ Bourdieu, P. (2002). A Dominação Masculina. Tradução Maria Helena Kuhner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Disponível em https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU__Pierre._A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646 (consultado em 18/08/2022)
- _ C. Malpique, (1984) Ausência do pai: estudo sociopsicológico da freguesia de S. Pedro da Afurada- Vila Nova de Gaia. Porto: Instituto Abel Salazar
- _ Calado, J. (2009). Au Feminin: Women Photographing Women 1849-2009. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian
- _ Cardoso, A. (2017). Portugal a lavar a roupa no tanque. Público. Setembro 2020. Portugal a lavar roupa no tanque | Objectos (quase) obsoletos
- _ Costa, F.B. (2003). S. Pedro da Afurada: notas monográficas. Vila Nova de Gaia: Gailivro
- _ Cova, A.; Freire, I.; Gorjão, V. (2020). Cem anos de lutas femininas e feministas em Portugal: o exemplo das pioneiras. Público. Disponível em https://www.publico.pt/2020/09/27/sociedade/noticia/cem-anos-lutas-femininas-feministas-portugalexemplo-pioneiras-1932367?fbclid=IwAR0_SJFBYmZWBdo9U_ieWf8v3n3_-t9bQxZIlncJkx1LV1Y6Xn8A3eS2Po (consultado em 30-08-2022)
- _ Delage, C. (2018). Michelle Perrot: Faire l’histoire des femmes, c’est contribuer à sortir les femmes des silences de leur histoire. Libération.
- _ Figueiro, Ó. (1987) – “Acheugas sobre o passado da pesca no rio Douro”, in Gaya: Revista do Gabinete de história e arqueologia de Vila Nova de Gaia, Vol. V, 1987
- _ Fiadeiro, M.A. (2003). Maria Lamas, Biografia. Lisboa: Quetzal Editores

- _ Fontes, A. (1908). Contribuição para a Hygiene no Porto. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (Unidade de Informação e Interpretação do Património)
- _ Fortuna, C. (org.) (2001). Cidade, Cultura e Globalização. Ensaios de sociologia, Oeiras: Celta Editora
- _ Fraisse, G.; Perrot, M. (1991) “A mulher trabalhadora”. In. História das Mulheres no Ocidente, 4: O Século XIX. Porto: Edições Afrontamento
- _ Goff, J.L.. (1990). História e memória. São Paulo: Editora da Unicamp
- _ Gouveia, J., (2015). Esparsos de História, A tábua das lavadeiras dos Coutinhos nos finais do século XIX
- _ Junior, H.F. Poéticas Líquidas: a água na arte contemporânea, disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-13082009-155421/publico/923480.pdf> consultado em 20-08-2022
- _ M. Espírito Santo (1980). Comunidades rurais a norte do Tejo. IED. Lisboa, 1980
- _ Maia, F.N. (1994). Fontes, fontanários e chafarizes do concelho da Covilhã. Covilhã: s. ed.
- _ Neto, F.A.N. (2005). A Condição Social das Lavadeiras em Salvador (1930-1939) quando a História e a Literatura se Encontram. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia
- _ Neves, J. (2007/8). O país das mulheres de Marias Lamas. Nova Síntese: textos e contextos do neo-realismo
- _ Paglia, C. (2018). Mulher livres, Homens livres. Lisboa: Quetzal
- _ Peixoto, P. (2000). “O património mundial como fundamento de uma comunidade humana e como recurso das indústrias culturais urbanas”, in Oficina do Centro de Estudos Sociais
- _ Perrot, M. (1988). Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- _ Perrot, Michele. (1979). Femmes au lavoir. Sorcières : les femmes vivent, 19(La Saleté), 128-133. Femenrev. Perséide FemEnRev | Femmes au lavoir
- _ Pina, A.M. (1942). Aniki-Bóbó. Lisboa: Assírio & Alvim
- _ Poeschl, G.; Múrias, C. ; Costa, E. (2004). Desigualdades sociais e representações das diferenças entre os sexos. Análise social, vol. XXXIX, disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218705629R1iQI7wq9Bv48JE3.pdf> (consultado em 18/08/2022)

- _Prata, R.S. (1983) – “Importância económica de Gaia na Idade Media”, in Gaya: Revista do Gabinete de história e arqueologia de Vila Nova de Gaia. Vol. I.
- _ Price, D. (1997). Surveyors and surveyed: photography out and about. In: Wells, L. (Ed.) Photography: a critical introduction. London: Routledge.
- _ Robles, M. (2019). Mulheres, Mitos e Deusas. 3ªed. São Paulo: Aleph.
- _ Rodrigues, H.F.; Ewerton A. A. G. (2019). Escutas literárias, manejos psicanalíticos: narrativas tingidas pela subjetividade. Editora Olyver, Disponível em https://books.google.pt/books?Id=5_ixeaaaqbaj&printsec=frontcover&hl=pt-pt#v=onepage&q&f=false (consultado em 01-09-2022)
- _ Rouillé, A. (2009). A fotografia: entre documento e arte contemporânea São Paulo: Ed. Senac
- _ The art story, Summary of Documentary Photograph. Disponível em <https://www.theartstory.org/movement/documentary-photography/> (consultada em 10-09-2022)
- _ The house of sandeman, (2018). Lavadouro público da Afurada. Disponível em <https://thehouseofsandeman.pt/2018/10/12/lavadouro-publico-da-afurada/?lang=pt-pt>, (consultado em 02-09-2022)
- _ Silva, T.M.F. (2016). Quando os gestos/ações quotidianos passam à performance: lavadeiras da Afurada. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro.
- _ Sontag, S. (2013). Ensaio sobre a fotografia. Lisboa: Quetzal
- _ Sullerot, E. (1974). A vida das mulheres, Lisboa: Publicações Europa-América
- _ Vaquinhas, M. I. (2011). “Estudos sobre as mulheres na área da História”. In Senhoras e Mulheres" na Sociedade Portuguesa do Século XIX (2ª Edição). Lisboa: Colibri.
- _ Vicente, A. (1998). Mulheres em Portugal na Transição do Milénio. Lisboa: Multinova.
- _ Vieira, A.B. (2019). A memória das Fontainhas vive nas fotografias dos seus moradores. Público. Setembro 2020.